

RITA BÁRBARA DOS SANTOS MARIA

**PERCEÇÕES SOCIAIS SOBRE VIOLÊNCIA
SEXUAL CONTRA HOMENS: UM ESTUDO COM
MULHERES UNIVERSITÁRIAS**

Orientadora: Professora Doutora Joana Carvalho

Co-orientador: Professor Doutor Daniel Cardoso

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

RITA BÁRBARA DOS SANTOS MARIA

**PERCEÇÕES SOCIAIS SOBRE VIOLÊNCIA
SEXUAL CONTRA HOMENS: UM ESTUDO COM
MULHERES UNIVERSITÁRIAS**

Dissertação realizada no âmbito do projecto FEMOFFENCE PTDC/PSI-GER/28097/2017,
financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Dissertação defendida em provas públicas para
obtenção do Grau de Mestre em Psicologia
Forense, no curso de Mestrado em Psicologia
Forense conferido pela Universidade Lusófona de
Humanidades e Tecnologias no dia 15 de Julho de
2020, perante o Júri nomeado pelo seguinte
Despacho Reitoral, nº136/2020 com a seguinte
composição de Júri:

Presidente: Prof^a Doutora Andreia Machado

Arguente: Prof^o Doutor Nélio Brazão

Orientadora: Prof^a Doutora Joana Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

Agradecimentos

Aos meus orientadores, por toda a ajuda e constante disponibilidade e compreensão que demonstraram ao longo deste processo.

À minha família, por me terem sempre proporcionado todas as condições para que chegasse até este ponto.

Aos meus amigos, por toda a paciência e por nunca deixarem de acreditar em mim, foram uma base fundamental para a concretização deste projecto e tenho muito a agradecer-lhes todo o apoio que nunca deixaram de me dar, e por poder contar sempre com todos.

Às onze mulheres, que prontamente se disponibilizaram para participar nesta investigação e pelo interesse de todas e excelente feedback, que foi uma fonte de motivação para a conclusão deste projecto.

Resumo

A violência sexual é um tema que tem sido alvo de muita investigação ao longo dos anos, porém tem vindo a negligenciar o homem no papel de vítima, sendo escassos os estudos que investigam a violência sexual neste panorama. Porém, a literatura indica-nos de que é de facto uma realidade bastante complexa e que tem bastante impacto nas suas vítimas. No entanto, é difícil ter uma noção sobre a conceptualização que a população tem sobre este tipo de violência nos homens, como tal este estudo tem precisamente o objetivo de perceber a perceção de uma amostra de estudantes universitárias sobre a violência sexual perpetrada por mulheres contra homens.

Para este efeito procedeu-se à análise temática de onze entrevistas realizadas a estudantes do sexo feminino, após a leitura de uma vinheta onde estava refletida a história de uma situação de violência sexual. Esta análise foi realizada com recurso ao software Nvivo12, onde foi possível construir um mapa de conceitos, com os temas, subtemas e códigos que refletiam as respostas fornecidas pelas participantes.

Os resultados centram-se à volta da caracterização dos intervenientes, das estratégias utilizadas pelas agressoras, das justificações/motivações para a utilização dessas mesmas estratégias e, para o impacto e consequências que advém das mesmas. As principais conclusões apontam para a presença de discursos sociais baseados em estereótipos e para a necessidade futura de desconstrução dos mesmos.

Palavras-chave: violência sexual; mulheres agressoras; homens vítimas; perceções sociais; estereótipos

Abstract

Sexual violence is a subject that has been investigated over the years, but it has been neglecting man in the role of victim, with few studies investigating sexual violence in this perspective. However, the literature tells us that it is in fact a very complex reality and that it has a lot of impact on its victims. However, it is difficult to have an idea about the conceptualization that people have about this type of violence in men, as such this study has precisely the goal of understanding what the perception that a sample of university students has about sexual violence, perpetrated by women against men.

For this purpose, thematic analysis was used to interpret eleven interviews of female students, after they read a vignette reflecting a situation of sexual violence. This analysis was performed using the Nvivo12 software, where it was possible to build a concept map, with the themes, subthemes and codes that reflected the responses provided by the participants.

The results focus around the characterization of the subjects, the strategies used by the aggressors, the justifications/motivations for the use of these strategies, and the impact and consequences that result from them. The main conclusions point to the presence of social discourses based on stereotypes and the future need to deconstruct them.

Key-words: sexual violence; female aggressors; male victims; social perceptions; stereotypes

Índice

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	8
1. Definição de violência sexual	9
2. Prevalência de estudos mulheres sexualmente agressivas	9
3. Estratégias de coerção utilizadas	11
4. Impacto e consequências da violência sexual nos homens	12
5. Fatores explicativos	14
6. Percepções sobre violência sexual	15
7. Objetivo do estudo actual	19
PARTE II: INVESTIGAÇÃO	21
1. Metodologia	22
a) Procedimento e medidas	22
b) Instrumentos	22
c) Participantes	23
d) Análise de dados	23
2. Resultados	24
a) Caracterização dos intervenientes	29
b) Estratégias.....	30
c) Perspetivas de Motivações/Justificações	31
d) Impactos/Consequências	34
3. Discussão	36
a) Papeis de género e percepção de caracterização e comportamento dos intervenientes	36
b) Papéis de género e a influência na percepção de violência sexual	39
c) Crenças sobre a sexualidade: questões biológicas e psicológicas	41
4. Limitações e pesquisas futuras	44
5. Conclusões e Implicações da Investigação	46
Referências Bibliográficas	48

ANEXOS	I
Anexo I: Folha de Consentimento Informado	II
Anexo II: Vinheta	III
Anexo III: Guião de Entrevista	IV

Índice de Figuras e Tabelas

Figura 1 - Mapa de Conceitos de percepções sobre a violência Sexual por parte de estudantes universitárias	26
Tabela 1 - Grelha de resultados com os temas, subtemas, códigos e respectivas descrições e exemplos dos resultados	26

Introdução

Esta investigação decorre no segundo ano de mestrado de Psicologia Forense, tendo assim o objetivo de obtenção do grau de mestre, estando a mesma inserida no projecto FEMOFFENCE PTDC/PSI-GER/28097/2017, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Cada vez mais a violência sexual se tem tornado um fenómeno mais atual, sendo notório o aumento da investigação envolvendo este mesmo tema. Este torna-se cada vez mais um tema de importante relevância, tendo em conta as estatísticas nacionais, que indicam o aumento deste tipo de violência, sendo que em Portugal, em 2011 se registaram 197 crimes relacionados com esta tipologia e, em 2017 foram 380 os crimes registados (APAV, 2011, 2017¹). A grande parte da vitimização recai sobre o sexo feminino (no caso da violação, representa 90,7%, RASI, 2017¹) e, por consequência, a generalidade da investigação realizada sobre este aspeto incide também nesta tipologia de vítimas.

Porém, no início dos anos 80 e, até aos dias de hoje, tem-se observado um aumento da investigação em relação às vítimas de violência sexual do sexo masculino. Apesar da percentagem de casos ser bastante inferior ao sexo feminino, é também um facto, que este tipo de violência encontra-se bastante presente na atualidade entre o sexo masculino, segundo as estatísticas (no caso da violação representa 9.3%, RASI, 2017).

Sendo então evidente a presença deste tipo de vitimização na sociedade, com uma crescente prevalência ao longo dos anos, é como tal necessário compreender melhor este fenómeno, e de igual forma, o modo como as pessoas o compreendem, nomeadamente quais as atribuições e perceções que têm sobre este tipo de violência. Por esta mesma razão, a problemática do atual estudo recai sobre a perceção da violência sexual, perpetrada por mulheres contra homens, de um grupo de estudantes universitárias, sendo este mesmo o contexto onde se verifica uma maior prevalência.

¹ É importante notificar que estas estatísticas não revelam os dados reais sobre a violência sexual, mas sim, apenas os casos denunciados e notificados, podendo então os números reais ser bastante superiores aos indicados.

Para uma melhor contextualização deste tema e com o objetivo de conhecer sobre o que se trata a violência sexual², numa primeira parte será feita uma revisão da literatura, apresentando as investigações realizadas ao longo dos anos e sequencialmente serão resumidos os principais resultados das mesmas.

Na segunda parte seguir-se-á o desenvolvimento da investigação, descrevendo todo o processo de metodologia da mesma, os resultados, apresentados resumidamente em forma de grelha seguidos de uma descrição mais detalhada por escrito. Por fim, serão discutidos os principais resultados obtidos, identificadas as principais limitações do estudo, onde são igualmente descritas propostas para pesquisa futura e por último, quais as conclusões e implicações desta investigação.

² Ao longo deste estudo, irão ser utilizados diferentes designações – violência e agressão – porém, ambos remetem para o conceito de “violência sexual”; o mesmo se aplica para os termos de “ofensora”, “agressora” e “perpetradora”, sendo que serão utilizados como sinónimos.

PARTE I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Definição de violência sexual

Segundo a World Health Organization (2002), violência sexual define-se como *“qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentários ou avanços sexuais indesejados, ou atos de traficar a sexualidade de uma pessoa, através do uso de coerção, ameaças de dano ou força física, por qualquer pessoa, independentemente da sua relação com a vítima, em qualquer contexto, incluindo mas não limitada a casa e trabalho”*. Estes contextos apresentam uma larga variedade, sendo que podem ser identificados: em casa, no trabalho, nas escolas, em prisões ou, ainda sob custódia da polícia, não estando portanto limitados a uma só circunstância.

Mais recentemente, Krahe (2013), definiu agressão sexual como qualquer tipo de comportamento direccionado a fazer com que outra pessoa se envolva numa atividade sexual, contra a sua própria vontade.

Dentro deste conceito de violência sexual, inclui-se também outro conceito, frequentemente empregue pela sociedade: a violação, definida como penetração, fisicamente forçada ou coagida de outra forma (mesmo que leve), da vulva ou ânus, usando um pénis, outras partes de um corpo, ou um objecto (World Health Organization, 2002).

2. Prevalência de estudos mulheres sexualmente agressivas

Como já foi referido anteriormente, através de estatísticas nacionais é possível identificar a presença deste tipo de violência acima descrita, no sexo masculino. Porém, os relatórios anuais não são suficientes para clarificar de que forma a violência sexual está presente na nossa sociedade e, também a nível internacional, pois apenas nos fornecem dados de categorias específicas como a violação ou o assédio sexual e, não sobre as restantes tipologias que a definição de violência sexual abrange. Para esse fim, é preciso olharmos para a investigação e, identificar que este fenómeno de facto existe e, como tal, está provado empiricamente que não se trata de um mito, mas sim de uma realidade de que também os homens são vítimas de violência sexual. Apenas têm sido conceptualizados como “invisíveis” ou vítimas não reconhecidas (Garris, 2015; Graham, 2006).

O primeiro estudo que relata uma investigação realizada com homens vítimas de violência sexual é, apesar de tudo, algo recente. Foi realizada em 1982, por Sarrel e Masters,

onde os mesmos descreveram onze casos de homens que tinham sido sexualmente abusados por mulheres (Sarrel & Masters, 1982 citado em Smith, Pine & Hawley, 1988).

Nem todos os homens são vítimas de violência sexual perpetrada apenas por mulheres, porém, neste estudo iremos apenas focar-nos nesta tipologia sendo que representam a grande percentagem de ofensores neste tipo de casos. Nomeadamente, entre uma população universitária, composta por 204 jovens universitários, 34% indicaram terem experienciado contacto sexual indesejado e, dentro desta percentagem, 24% dos homens referiram que este mesmo contacto foi proveniente do sexo oposto, ou seja, de mulheres (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994). Este estudo indica-nos que quando a vítima é um homem, em grande maioria, os ofensores são do sexo feminino.

Este tipo de violência ainda se verifica atualmente, inclusive em contexto Europeu. Num estudo mais recente, realizado na Polónia, os dados revelaram que, mesmo com uma percentagem menor, em comparação com o sexo oposto, 28,4% dos homens participantes revelaram já ter tido experiências de vitimização. Ao mesmo tempo, 6,5% das mulheres admitiram ter utilizado estratégias coercivas para obtenção de sexo (Tomaszewska & Krahé, 2015). A agressão sexual perpetrada por mulheres foi ainda identificada recentemente em relações onde os homens sofriam igualmente de violência doméstica, o que nos indica que a agressão sexual pode também estar associada a outras formas de violência (Hines & Douglas, 2016).

Em Portugal, estudos com amostras de estudantes universitárias, identificaram que entre 32,7% e 35,8% das mesmas já tinham usado, pelo menos uma vez na sua vida, algum tipo de estratégia sexualmente agressiva contra homens com o objetivo de iniciar relações sexuais (Carvalho & Nobre, 2015; Carvalho, Rosa & Pereira, 2018). Como provam estas investigações, a violência sexual dentro do contexto universitário aparenta ser algo recorrente e crescente.

Podemos verificar então que este fenómeno tem tido continuidade ao longo dos anos e que, apesar de já ser investigado há tempo considerável, continua a ser bastante presente, não demonstrando sinais de diminuição, o que pode implicar uma necessidade de maior investigação e consequente intervenção.

3. Estratégias de coerção utilizadas

Ao contrário do que se possa pensar, homens e mulheres são semelhantes na sua forma de agir no que toca ao momento de obtenção da atividade sexual, tanto na frequência, como na variedade da utilização de estratégias sexualmente coercivas (Schatzel-Murphy, Harris, Kright & Milburn, 2009). Vários estudos relatam que as mulheres usam igualmente estratégias como coerção e pressão verbal (onde se incluem chantagens, ameaças e manipulação psicológica à vítima), intoxicação da vítima devido ao uso de álcool ou drogas (quer seja de forma ativa, ou quando esta já se encontrava intoxicada), abuso de uma posição de poder e/ou autoridade e, uso de força física ou, ameaça de utilização da mesma (Carvalho, Rosa & Pereira, 2018; Weare, 2018). Os tipos de coerção fisicamente não violenta, podem variar de algo mais lúdico (e.g.: comportamentos considerados como uma brincadeira), até ameaças mais graves e extremas (Muehlenhard & Cook, 1988). Tal como os dados de prevalência, a noção de que as mulheres também utilizam este tipo de estratégias, umas percecionadas como mais severas do que outras, quebra a imagem tradicional da mulher que é percecionada como um ser sexualmente passivo e inocente, sendo vista como alguém que rejeita mais o comportamento sexual vindo de homens, do que propriamente quem o inicia (Denov, 2003).

Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1994), foram dois principais autores que estudaram este fenómeno na população universitária, demonstrando que em 88% dos casos foram utilizadas estratégias como persuasão, intoxicação, ameaça de término da relação e, suborno (relação sexual em troca de dinheiro); nos restantes 12%, as agressoras fizeram uso da contenção e intimidação física, ameaça e/ou uso da força física com o objetivo de forçar o seu parceiro a ter relações sexuais.

Pode-se referir que estes dados permanecem atuais pois, a estratégia que parece ser utilizada em maior número pelas mulheres, é a coerção verbal, considerada também como a menos severa e menos gravosa pela sociedade (Carvalho & Nobre, 2015), o que dificulta a inteligibilidade deste ato, pois acaba por vezes, por nem ser reconhecido como violência. Este tipo de coerção verbal, é caracterizada por estratégias como insultos, fazer o parceiro sentir-se culpado, chantagem e, ameaça de terminar a relação (Schatzel-Murphy, Harris, Kright & Milburn, 2009). Porém, um estudo de Tomaszewska e Krahé (2015), contradiz estes factos, e

conclui que a estratégia mais utilizada está relacionada com a utilização ou ameaça de força física, quer seja com atuais ou anteriores parceiros, conhecidos ou estranhos.

Um estudo mais recente torna a corroborar os dados de que a coerção mais utilizada é a verbal, caracterizada por estratégias de pressão verbal, chantagem e manipulação psicológica, registando que esta foi utilizada por pelo menos dois terços das mulheres perpetradoras, perfazendo cerca de 72,3% (Carvalho et al., 2018), sendo a força física a estratégia menos utilizada por esta amostra.

Apesar destes dados, os estudos apresentam algumas limitações, sendo uma delas o facto de não ser possível constatar se estas estratégias se traduziram ou não em relações sexuais consumadas ou, se as mesmas careceram ou não de consentimento por parte dos parceiros. Para colmatar esta lacuna, foi realizado no Reino Unido, um estudo quantitativo e qualitativo com 154 homens que reportaram terem sido vítimas de experiências de “*forced-to-penetrate*”, ou seja, experiências em que a relação sexual foi forçada e não consentida, terminando em penetração (Weare, 2018). Os resultados indicaram que a estratégia mais utilizada foi: chantagem, ameaças, coerção e pressão verbal – 33,3% (que vão desde o ameaçar, mentir a terceiros sobre o que aconteceu ou, em casos mais extremos, ameaças de suicídio); seguidas de mulheres que se aproveitaram de homens intoxicados – 26,8% (sendo que a maioria das vítimas se encontrava inconsciente no momento do ato); e, por último e, referida como menos utilizada foi o uso ou ameaça de utilização de força física – 19,6% (e.g., tentativa de sufocar o parceiro).

Todas estas estratégias, umas consideradas pela sociedade como mais gravosas, outras como menos, têm sempre associadas pelo menos uma consequência negativa do foro emocional, daqueles que foram vítimas das mesmas (Carvalho & Nobre, 2016). Como tal, este fenómeno da violência sexual perpetrada por mulheres contra homens, não deve ser considerado como tendo menor gravidade, pois mesmo que seja retratado na literatura em menor percentagem, apresentam sempre consequências e algum tipo de impacto nas suas vítimas.

4. Impacto e consequências da violência sexual nos homens

Já vimos que estratégias traduzem este tipo de violência. Ainda neste capítulo poderemos verificar então que implicações ou consequências poderá ter este tipo de

comportamento nas suas vítimas. Através da literatura é possível perceber que há uma menor probabilidade, em comparação com as mulheres, de os homens denunciarem uma situação de violência sexual, por variadas razões, tais como: vergonha, culpa, medo que não acreditem em si ou, mesmo até, medo de serem acusados de ter provocado o ato (WHO, 2002). Também os mitos correspondentes à sexualidade masculina, são fatores que contribuem para a ausência de denúncias deste tipo de vitimização (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994).

Segundo o estudo de Struckman-Johnson e Struckman-Johnson (1994), com homens vítimas de violência sexual por mulheres ofensoras, apenas um quinto dos mesmos tiveram uma forte reação negativa originada pela experiência de contacto sexual indesejado. Algumas dessas reações traduzem-se em: sensação de perda de controlo; sensação de confusão em não saber dizer não, com medo de magoar a mulher; dúvida sobre a sua heterossexualidade, devido à recusa de sexo com uma mulher; medo, raiva e ressentimento, para com o sexo oposto devido ao comportamento agressivo; medo de contar a terceiros, com receio de não acreditarem ou de pensarem que é homossexual. Por outro lado, há ainda relatos de homens que não apontam a experiência como tendo consequências negativas, referindo mesmo vivenciar emoções positivas, ao sentirem que fizeram o que era certo ao recusarem o ato (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1994).

Um estudo de 1997 (Busby & Compton) investigou homens em relações sexualmente coercivas e, demonstrou que estes apresentam uma menor abertura, uma menor autoestima e, uma menor satisfação com a relação, em comparação com casais não coercivos. Por outro lado, as mulheres na mesma relação demonstram níveis contrários, o que pode indicar que ambos, não entendam a coerção sexual como algo problemático, pela falta de percepção de que a mesma é errada.

Este tipo de vitimização pode ainda apresentar consequências a longo prazo traduzindo-se assim em sentimentos de culpa, raiva, ansiedade, depressão, perturbação do stress pós-traumático, disfunção sexual, sintomas somáticos, problemas de sono, término das relações e, num registo mais grave e não tão frequente, mas ainda assim possível, tentativas de suicídio (Larimer, Lydum, Anderson & Turner, 1999; World Health Organization, 2002). Pode-se então afirmar que a violência sexual está relacionada com problemas na saúde física e mental de homens que são vítimas deste tipo de comportamentos (Hines & Douglas, 2016).

5. Fatores explicativos

Ao contrário dos homens, em que de um ponto de vista geral, a literatura diz-nos que o ato de violência sexual praticado, não está relacionado com a questão de obtenção do ato sexual em si, mas sim, com o objetivo de obter poder e dominância sobre terceiros, no caso das mulheres, não há uma noção geral explicativa deste comportamento violento (Miccio-Fonseca, 2000), tornando-se num caso muito mais complexo. Existem porém, certos indicadores que nos dão uma perceção do que pode ter influenciado o surgimento destas acções, tanto a nível social como individual, nomeadamente relacionadas com a personalidade. Diversas variáveis que são preditoras do comportamento sexualmente agressivo utilizado por mulheres, são semelhantes aos identificados nos homens (Bouffard, Bouffard & Miller, 2015). Por isso, podemos então assumir, que tal como o verificado na utilização de estratégias de coerção, ambos os sexos não se diferenciam neste aspeto, no entanto, não parece haver concordância entre os autores, que referem que esta semelhança não deva ser feita tão linearmente (Bouffard, et al., 2015).

Um estudo realizado por Miccio-Fonseca (2000), observou que as mulheres sexualmente agressivas (em comparação com mulheres que não utilizavam estratégias coercivas), tendiam a ser “promíscuas” e sexualmente irresponsáveis. E que relacionado com tal, estava o facto de terem tido uma iniciação precoce na atividade sexual (Bouffard et al., 2015).

Outro aspeto também presente refere-se à história de vitimização sexual e violência. Num estudo, as agressoras sexuais provinham de famílias violentas e, 80% das mulheres reportaram, elas mesmas terem sido vítimas de abuso sexual em crianças (Ménard, Hall, Phung, Ghebrial & Martin, 2003; Miccio-Fonseca, 2000).

O comportamento agressivo parece também ser derivado de sentimentos de compulsividade, uma nítida falta ou perda de controlo sobre o próprio comportamento. Esta impulsividade apresenta-se relacionada com experiências passadas de abuso sexual visto que, esta tende a ser uma forma de lidar com o trauma sexual (Schatzel-Murphy, Harris, Kright & Milburn, 2009).

Em termos de personalidade, um estilo hostil tem sido caracterizado como principal indicador para um comportamento sexualmente agressivo (Hines, 2007; Ménard et al., 2003).

Um estudo mais recente caracterizou o estilo de personalidade que seria comum a mulheres que adotavam estratégias de coerção sexual, de acordo com o modelo dos Cinco Fatores, os cinco traços de personalidade mais referidos na literatura, para descrever a personalidade (Carvalho, Rosa & Pereira, 2018). Foram então destacados três principais traços: neuroticismo (onde se incluem características como frustração, irracionalidade, impulsividade); menor conscienciosidade (caracterizado por irresponsabilidade, negligência, despreocupação); e, menor agradabilidade (onde se inclui falta de confiança, rudeza, manipulação). Foram ainda registados alguns traços de psicopatia, que podem ser considerados fortes preditores (Bouffard et al., 2015).

Outro dos fatores individuais associado ao uso de coerção sexual contra homens está relacionado com as crenças. Falamos nomeadamente da aceitação de mitos sobre a violação, (sendo um dos mais famosos “os homens não podem ser violados”), atitudes de oposição relativamente a relações interpessoais, procura de sensações de risco e, a descrença em valores convencionais (Bouffard et al., 2015). Estes fatores revelam-nos que mulheres que aceitam e, ou mesmo adotam este tipo de crenças, têm maior probabilidade de ingressar num tipo de comportamento violento para com os seus parceiros.

Dentro destes fatores, podemos ainda identificar outra componente, a emocional. Alguns estudos revelam que as mulheres tendem a praticar atos sexualmente agressivos, como resposta à desregulação emocional, seguidas de fracas estratégias de coping, ou seja, adotam estes comportamentos, que embora sejam desajustados, ajudam a estabelecer a regulação emocional (Carvalho, Rosa & Pereira, 2018; Pereira, 2015).

Também alguns fatores sociais podem privilegiar a origem deste tipo de comportamento. Hines (2007) refere na sua investigação que encontrou uma associação entre o estatuto da mulher e, o uso de estratégias que culminavam no sexo forçado contra homens. Esta associação indica-nos que, quanto maior importância a mulher ganhava na sociedade, ou seja, ocupando um estatuto de maior relevância, maior era também o nível de uso de coerção ou, a probabilidade de utilização de uma estratégia coerciva.

6. Perceções sobre violência sexual:

Existem diversas perspectivas e formas de como olhar para este problema, porém, no geral, a literatura remete-nos para o facto de que a vitimização sexual tende a ser

percepcionada como uma experiência feminina, ou seja, que afeta maioritariamente o sexo feminino (Howard, 1984). Sendo que em grande parte das investigações realizadas, quando a vítima é uma mulher e, o agressor é um homem, este cenário é percepcionado como o mais típico e o que representa melhor um episódio de violência sexual (Gerber, Cronin & Steigman, 2004; Howard, 1984). Podemos definir percepção como o processo pelo qual o cérebro dá sentido à informação recebida. Desta forma, os autores têm direccionado a sua investigação no sentido de perceber, de que maneira, a população entende estes casos e que tipo de atribuições são feitas aos mesmos. Este fenómeno pode ser melhor explicado por alguns fatores de manutenção a que iremos chamar mitos, estereótipos ou, *scripts* sociais.

Scripts sociais são estruturas cognitivas que servem como “guiões” e, predizem como é esperado que as pessoas se comportem na sociedade, num determinado contexto, neste caso sexual, ao qual se designa papéis tradicionais de género em relação ao sexo (Byers, 1996). Na América do Norte, entre os principais *scripts* associados aos papéis de género, considerados como normativos, ou seja, os que de destacam mais entre homens e mulheres, encontram-se (Byers, 1996):

- Os homens são vistos como tendo fortes necessidades sexuais e, altamente motivados para participar em atividades sexuais; por outro lado, as mulheres são vistas como tendo poucas necessidades sexuais, adotando uma atitude hesitante quanto ao sexo e, apenas o procuram como forma de obter amor ou compromisso;

- A experiência sexual masculina é vista como garantia de masculinidade, virilidade e, uma prova de atratividade;

- Os homens são vistos como os iniciadores da atividade sexual, ou seja, é esperado que dêem o primeiro passo, enquanto se espera que as mulheres tomem uma atitude passiva e defensiva;

- É esperado que as mulheres imponham limites e ofereçam resistência a qualquer atividade sexual, mesmo que tenham interesse em participar na mesma. Por sua vez, é esperado que os homens ultrapassem esta resistência, de forma a ir ao encontro das suas necessidades sexuais. Um homem que aceite e se conforme com a resistência da mulher, é visto como não sendo suficientemente masculino;

- Nas relações interpessoais, as mulheres são percebidas como sendo emocionais, sensíveis e carinhosas, enquanto os homens são totalmente focados neles próprios, devendo colocar as suas necessidades em primeiro lugar e, desta forma, ignorar os sentimentos da mulher no que toca à prática da atividade sexual.

Estes *scripts* sociais, a que também poderemos referir como mitos, são uma das causas pelas quais a vitimização sexual masculina continua a ser descredibilizada, sendo que estas cognições são utilizadas por um grande número de pessoas, tanto do sexo masculino, como do sexo feminino.

Apesar de se tratar de um estudo antigo, estes tipos de mitos continuam bastante atuais. Um estudo de 2008 (Chapleau, Oswald & Russell), identificou alguns dos principais mitos associados a vítimas de violência sexual, entre os quais: os homens não podem ser forçados a ter sexo contra a sua vontade; os homens são menos afetados pela violência sexual, em comparação com as mulheres; os homens estão sempre prontos e disponíveis para aceitar participar em qualquer tipo de atividade sexual; e, é esperado que um homem se consiga defender perante uma situação de violência sexual.

Num estudo de Anderson e Sorensen (1999), foi maior o número de homens que reportaram terem tido contacto sexual indesejado, em comparação com o número de mulheres que confessaram terem coagido homens neste tipo de relação, ou seja, existem diferenciações no relato de atos sexuais, o que demonstra que, muitas vezes, as mulheres não percebem os atos que praticam, como violentos ou, como tendo consequências no seu parceiro. O facto de utilizarem estratégias mais subtis de coerção sexual, tal como a manipulação psicológica e, de obterem sucesso através da utilização deste mesmo comportamento, pode levar a que as mulheres não percecionem que estes comportamentos a que recorrem, são de facto coercivos.

A literatura indica que o tipo de estratégias, referidas anteriormente e, utilizadas por mulheres, não são percebidas como agressivas, o que por sua vez, leva a que os sujeitos a quem são dirigidas estas estratégias, não sejam percecionados como vítimas, o que pode levar a que estes comportamentos sejam tidos como normativos (Oswald & Russell, 2006).

Relativamente ao uso de estratégias mais agressivas, aquando da sua utilização, os homens foram percecionados como agressivos, enquanto as mulheres foram percebidas como “promíscuas” (tendo sido apenas vistas como mais agressivas emocionalmente, apenas

aquando do uso de coerção verbal). Neste mesmo estudo, foi também avaliada qual a opinião dos participantes relativamente à satisfação na relação, o que resultou na não perceção dos homens vítimas deste tipo de contacto indesejado, como tendo menos satisfação, ou seja, mesmo com um contacto sexual indesejado, a satisfação destes não sofreu alterações, o que pode levar a que os homens permaneçam na relação, por pensarem que não é apropriado se sentirem afetados com a situação a que são expostos (Oswald & Russell, 2006).

Outra das formas utilizadas para analisar a perceção de uma amostra relativamente a vítimas e agressores de violência sexual, é através da utilização de *mock jurors* (Pica, Sheahan & Pozzulo, 2017; Sommer, Reynolds & Kehn, 2015). Este método consiste na utilização de uma simulação de um júri, que tem como objetivo avaliar simulações de casos de violência sexual, ao nível da culpabilização, veredicto e sentença que deveria ser aplicada em cada caso. Estas investigações demonstraram que os mitos e estereótipos acima referenciados, influenciam de facto a decisão do júri num julgamento, sendo que nos casos em que a vítima era do sexo masculino, esta foi percepcionada como tendo maior culpabilidade do ato de que foi vítima (Pica et. al, 2017). Por outro lado, quando a agressora era do sexo feminino, estes casos tendiam a ser banalizados e a ser considerados como menos graves, o que pôde ser visível através da baixa porção de culpa a que estes casos foram associados e, as baixas sentenças que foram aplicadas, em comparação com outros cenários (Sommer et. al, 2015).

Muitos estudos, analisaram o nível de responsabilização e culpabilidade em relação à vítima, ou seja, se esta é ou não, em casos hipotéticos, entendida como culpada do ato em que está envolvida (Ayala, Kotary & Hetz, 2015; Davies, Pollard & Archer, 2006; Gerber et. al, 2004; Howard, 1984). Na grande parte dos estudos, os resultados indicam que nos cenários que incluem homem-vítima, mulher-agressora, os homens são percecionados como tendo maior responsabilidade, e não são considerados suficientemente masculinos, pois vão contra o seu estereótipo relativamente aos comportamentos que adotam, nomeadamente não tentam resistir ou escapar e, demonstram medo (Howard, 1984). Entende-se então que os homens que não resistem às suas agressoras são considerados como mais culpados do que os que resistem (Davies, Rogers & Whitelegg, 2009).

Apesar destes resultados representarem a generalidade da população, existem outros estudos como o de Gerber e colaboradores (2004), que apresentam algumas diferenças de género na atribuição da culpa. Os autores evidenciaram que os participantes do sexo masculino atribuem menor culpabilidade aos ofensores, independentemente do sexo dos

mesmos e, que tal se deve por se identificarem ou sentirem a necessidade de serem identificados com papéis que implicam maior poder sobre os outros. Por outro lado, as participantes do sexo feminino identificam-se como mais frágeis e, como tal, por se identificarem mais facilmente com as vítimas (quer do sexo masculino, quer do sexo feminino), atribuem menor culpabilidade às mesmas e, maiores níveis de culpa aos ofensores.

No estudo de Davies e colaboradores (2006) é possível ver a presença dos estereótipos acima assinalados. Em casos onde as vítimas eram homens com uma orientação heterossexual e, as agressoras eram mulheres, os participantes do sexo masculino atribuíam maiores níveis de culpa às vítimas. No entanto, no mesmo caso, quando os agressores são homens, os mesmos participantes atribuíam maior culpabilidade aos agressores. Os autores referem que estes resultados podem ser justificáveis pela perceção de que, quando as agressoras são mulheres, o ato representa uma menor gravidade e não é considerado como traumático para a vítima, sendo até visto como mais prazeroso (Pine & Hawley, 1988). Outra razão para este efeito é a possível crença de que, quando a agressora é do sexo feminino, os participantes conceptualizam que a vítima fez algo para provocar o ofensor ou que, por outro lado, não fizeram o suficiente para o impedir.

Esta perceção de responsabilização é também influenciada pelos níveis de aceitação de crenças e mitos no que diz respeito à violência sexual. Ou seja, quando estes níveis de aceitação são baixos (quando uma pessoa não aceita estes mitos), os níveis de culpabilização da vítima também são baixos (Ayala et. al, 2015).

Estes estudos demonstram que ser vítima é incompatível com o estereótipo associado ao sexo masculino (Howard, 1984). Os mitos, estereótipos e perceções acima identificados, podem ter graves implicações e consequências, sendo que uma das principais é a negação ou, minimização da perceção do dano sofrido pela vítima. Tal justifica então a importância da continuação destes mesmos estudos, de forma a acompanhar a evolução e a mudança (ou não) da perceção da população, relativamente a este fenómeno.

7. Objetivo do estudo actual

Tendo em conta a literatura exposta, pode-se constatar que a violência sexual perpetrada por mulheres é uma realidade existente desde há muitos anos no entanto, permanece bastante atual, nomeadamente no contexto universitário. Este tipo de violência tem

um grande impacto nas vítimas do sexo masculino, tanto a um nível psicológico, como a um nível social e, por isso, é de enorme relevância o estudo nesta área. O aumento destes comportamentos ao longo dos anos parece ser sustentado pela generalidade dos mitos acima referenciados, pois estes contribuem para a formação das crenças que incentivam este tipo de comportamento contra o sexo masculino.

Apesar do elevado número de investigação realizada dentro desta temática, nomeadamente a nível da perceção social, são escassos os estudos que se focam nas atribuições que a sociedade produz acerca deste tema, ou seja, quais as opiniões e qual o raciocínio que é utilizado para justificar e explicar este tipo de comportamento perpetrado pelo sexo feminino. Para colmatar esta lacuna e, de forma a estudar detalhadamente este pormenor, foi utilizado nesta investigação o método qualitativo, que através do conteúdo proferido pelas participantes, analisa as atribuições realizadas a uma situação hipotética de violência sexual.

Com o efeito de orientar este estudo, a pergunta de investigação, centra-se no seguinte: Qual a perceção social que as estudantes universitárias têm relativamente à violência sexual perpetrada por mulheres contra homens?

PARTE II: INVESTIGAÇÃO

1. Metodologia

a) Procedimento e medidas

A presente investigação está inserida no projecto FEMOFFENCE, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, tendo sido aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia para a Investigação Científica da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. As participantes deste estudo foram recrutadas através de uma publicação *online*, em redes sociais, tendo a sua participação sido totalmente voluntária, pelo que todas as participantes que contactaram a responsável pela investigação, se incluem neste estudo, não se tendo registado nenhuma desistência. Os critérios de inclusão para a participação deste estudo centraram-se em estudantes universitárias, do género feminino, com idade superior a dezoito anos e orientação heterossexual e, que não estivessem inscritas em nenhum curso de psicologia (pois, estudos sobre a literatura nesta área, poderiam enviesar respostas, o que não seria representativo da população em geral que se pretendia analisar). Após o recrutamento das participantes, as entrevistas tiveram lugar em espaços fechados, nomeadamente salas de bibliotecas, de forma a focalizar a atenção das participantes, evitando assim qualquer tipo de estímulos que poderiam perturbar a investigação em curso. As participantes consentiram a participação na investigação através de uma assinatura por escrito, onde descrevia a confidencialidade do estudo, uma breve explicação sobre o que o mesmo consistia e, a falta de compensação pela participação no mesmo (Anexo I).

De seguida deram-se início às entrevistas, tendo as mesmas, uma média de vinte e um minutos e vinte e nove segundos, sendo estas registadas no que diz respeito ao seu conteúdo de áudio, através de um gravador e, posteriormente transcritas ortograficamente na íntegra.

b) Instrumentos

Durante as entrevistas foi apresentado às participantes, uma vinheta onde era descrita uma história representativa de um caso de violência sexual com uma vítima do sexo masculino e uma ofensora do sexo feminino (Anexo II). Posteriormente e, através da utilização de um guião de entrevista semi-estruturado, foram realizadas várias questões relativas à história da vinheta, nomeadamente relacionadas com: a opinião sobre a situação (e.g.: *"o que é que achaste desta história?"*), a perceção da vítima, da ofensora e dos seus comportamentos (e.g.: *"porque é que achas que o João reagiu daquela maneira no princípio*

da história?”; “e no caso da Marta, porque é que achas que ela teve aquela atitude”?), e a percepção sobre violência sexual (e.g.: “achas que me podias explicar por palavras tuas, a definição de violência sexual?”) (Anexo III).

c) Participantes

No total, a amostra é constituída por 11 estudantes universitárias, com uma idade média de 20 anos, com idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos de idade. A grande maioria da amostra é natural do sul do país, nomeadamente da região do Algarve ($n = 8$; 73%) e, Alentejo ($n = 2$; 18%) e apenas uma participante, da área da Grande Lisboa ($n = 1$, 9%). Relativamente ao estado civil, 64% das participantes encontravam-se solteiras no momento da entrevista ($n = 7$) e, 36% mantinha uma relação ($n = 4$).

d) Análise de dados

De forma a explorar e organizar os dados qualitativos resultantes das entrevistas, foi utilizado o Software Nvivo 12, nomeadamente a análise temática. Com a análise dos dados foi construído um mapa temático, segundo a abordagem de Braun e Clarke (2006), tomando o processo de análise temática em seis fases. Através do método indutivo, partiu-se do reconhecimento dos dados recolhidos para a identificação de códigos e posteriormente de subtemas e temas, perfazendo assim os três níveis temáticos definidos pelas autoras mencionadas.

Os códigos representam um rótulo da identificação que é efectuada nos dados e, que são relevantes para a questão de investigação. Os subtemas reflectem padrões de significado semelhantes entre os códigos. O último nível é constituído pelos temas, que são ideias globais que retratam o significado de vários subtemas.

Para obter estes níveis, chegando aos resultados que irão dar resposta à questão de investigação elaborada na secção anterior, dos objectivos, foi então empregue o método de Braun e Clarke (2006), começando pelo reconhecimento e familiarização dos dados, ou seja, das entrevistas transcritas. De seguida, foram produzidos os códigos, através da identificação de padrões nas respostas dadas pelas participantes, e atendendo à relevância para responder à questão de investigação. Após estabelecidos esses códigos, os mesmos foram divididos em subtemas, consoante o assunto que retratavam, sendo por esta lógica, distribuídos por temas.

Com a obtenção dos três níveis essenciais na análise temática, foi então construído um mapa temático, com recurso ao Nvivo 12, onde foi possível, de forma estruturada e organizada, rever todas as entrevistas e respectivos códigos criados, sendo possível a reestruturação deste mapa sempre que o mesmo se justificasse. De forma a garantir a legibilidade dos resultados, este mapa temático passou pela revisão de um segundo investigador, onde se concluiu que não havia discrepâncias de codificação, no entanto, ao longo de todo o processo, o mesmo foi complementado com debate e reflexão entre os investigadores de modo a garantir a consistência dos resultados.

2. Resultados

Feita a análise temática de todas as entrevistas transcritas, os resultados recaem sobre quatro principais temas: Caracterização dos Intervenientes, Estratégias, Perspectivas de Motivações/Justificações e Impactos/Consequências. Os dois primeiros temas e o último dividem-se cada um, em dois subtemas e, o restante divide-se em três subtemas, sendo cada um constituído por um número considerado de códigos, perfazendo um total de quarenta e três códigos, bastante diversificados, dividindo-se em quatro diferentes temas conceptuais. Grande parte das participantes forneceu respostas claras, objectivas e, ao mesmo tempo respostas longas envolvidas em muita reflexão. Estes resultados reflectem a perspectiva e opinião sobre os mesmos temas das próprias participantes e, também opiniões que consideram típicas da própria sociedade em si, mesmo que contrárias às suas, estimulando um maior conhecimento sobre o que se considera ser as perspectivas sociais sobre a violência sexual, dando assim um nível mais amplo de resposta à questão de investigação formulada anteriormente: “Qual a perceção social que as estudantes universitárias têm relativamente à violência sexual perpetrada por mulheres contra homens?”. Os mesmos são então apresentados sob a forma de um mapa de conceitos, sendo assim apresentados de forma esquemática na figura 1 e, na tabela 1, é possível observar de forma mais detalhada o propósito de cada código, juntamente com exemplos (transcrições genuínas das entrevistas) que fornecem uma melhor compreensão sobre o respectivo código. De seguida são então apresentados de forma pormenorizada, os temas, subtemas e respectivos códigos, resultantes desta análise temática.

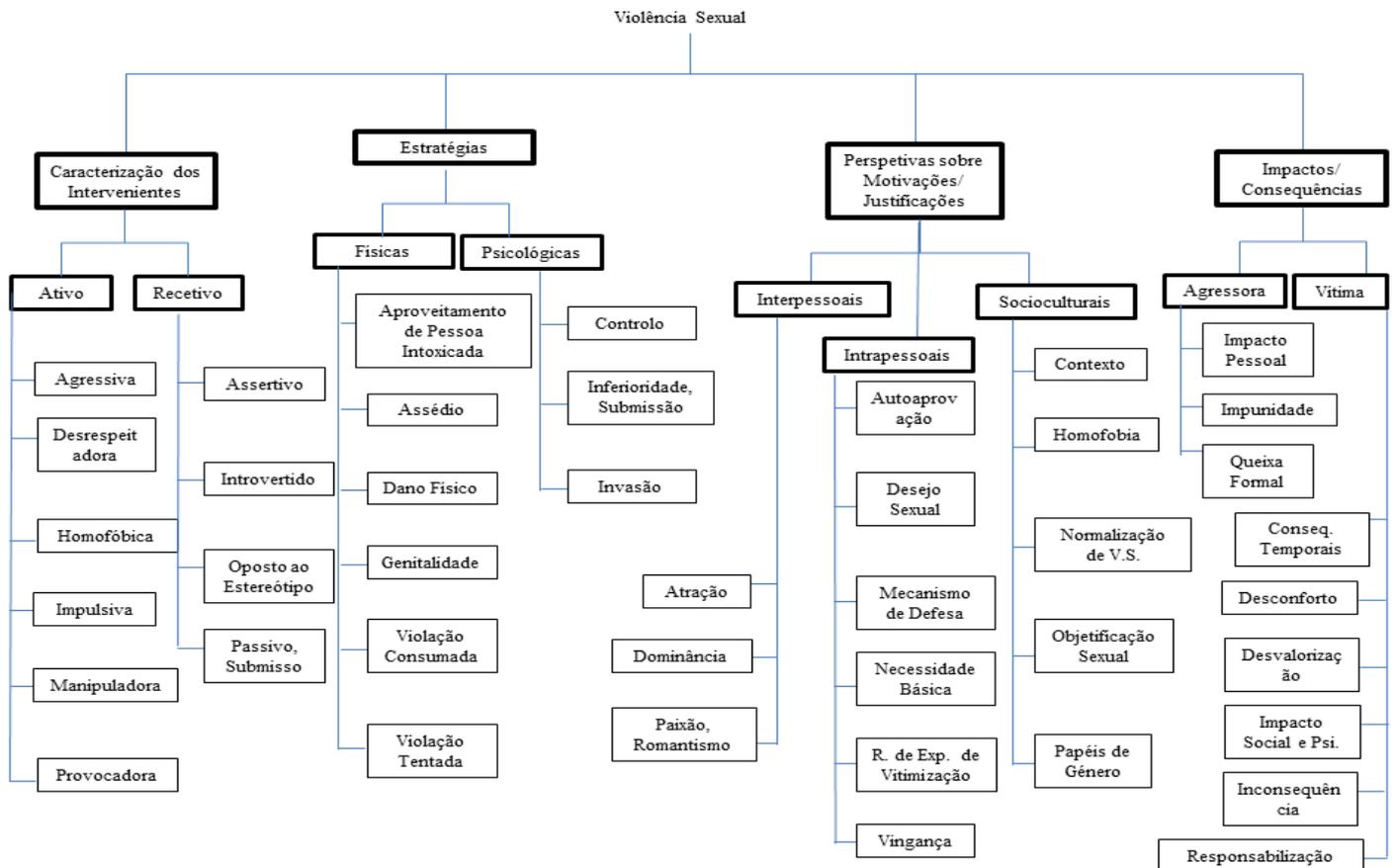


Figura 1. Mapa de Conceitos de perceções sobre a violência Sexual por parte de estudantes universitárias

Tabela 1. Grelha de resultados com os temas, subtemas, códigos e respetivas descrições e exemplos dos resultados

Tema	Subtema	Código	Descrição/Definição	Exemplo
Caracterização de Intervenientes	Ativo	Agressiva	Interveniente ativa percecionada como agressiva	“acho que ela é uma pessoa agressiva, (...) claramente, que não sabe ouvir um não...”
		Desrespeitadora	Alguém que não respeita e que não compreende os outros	“não compreendeu o lado dele e desrespeitou-o”
		Homofóbica	Pessoa que associa a rejeição como a vítima sendo homossexual e que cria um preconceito.	“parece-me um pouco homofóbica, só pelo tipo de comentário que ela fez”
		Impulsiva	Pessoa que age sem pensar nas consequências, por impulso.	“impulsiva, indiscreta...”; “quando são mais jovens têm mais impulsos”
		Manipuladora	Pessoa que manipula o sujeito, a fazer aquilo que deseja, recorrendo a estratégias como humilhação e chantagem.	“acaba por manipular a outra pessoa para conseguir algo”; “foi manipuladora”
		Provocadora	Mulher que provoca sexualmente os homens.	“as raparigas já são mais de provocar”;

	Recetivo	Assertivo	Homem que se expressa com frontalidade de uma forma assertiva e que não cede a chantagens.	“ele disse logo que não”; “Uma pessoa talvez assertiva”
		Introvertido	Pessoa tímida e reservada	“parece ser um rapaz calmo, tímido”
		Oposto ao Estereótipo	Imagem inconsistente face ao estereótipo masculino.	“rapaz simples (...) que não é só com o estereótipo da sociedade hoje em dia”
		Passivo, Submisso	Pessoa que se submete passivamente ao comportamento de outros.	“no sentido do João não se impor aos seus quereres.”
Estratégias	Físicas	Aproveitamento de Pessoa Intoxicada	Prática de violência sexual sobre pessoa intoxicada.	“quando apanham malta extremamente embriagada isso é, claramente isso é violência”
		Assédio	Violência percebida como importunação por assédio, que inclui toque, olhares e comentários.	“é também os olhares, os piropos, os apalpos”; “quando és tocado, sem qualquer (...) aviso prévio”
		Dano Físico	Violência como uma agressão que provoca dano e dor física na vítima.	“por agressões físicas a tenta levar a fazer aquilo que quer”
		Genitalidade	Exposição de comportamentos sexuais por parte do agressor.	“começarem a masturbar-se por, simplesmente ‘olha, agora vou começar e, vamos ver como é que ela reage’ ”
		Violação Consumada	Violência sexual percebida como a consumação do ato sexual.	“(…) alguém na rua, chegar ao pé de outra e, violá-la (...)”; “(...) além da violação, que é vá, a mais comum.”
		Violação Tentada	Violência sexual percebida como uma tentativa de violação	“(…) provavelmente uma tentativa de violação porque ele não queria (...)”; “(...) é preciso mesmo a outra pessoa continuar para ser mesmo violação (...)”
		Psicológicas	Controlo	Controlo sobre o comportamento da vítima, onde inclui atos de coação, manipulação, provocação, insistência e, chantagem, não restrito a comportamentos sexuais.

Perspetivas sobre Motivações/Justificações	Interpessoais	Inferioridade, Submissão	Coloca a vítima numa posição de inferioridade, num sentimento de obrigação de submissão para com a agressora.	“por te fazerem sentir que és obrigado ou, que és menos se não o fizeres, ou que estás a falhar”; “violência inclui tudo o que faça com que a pessoa se sinta rebaixada”;
		Invasão	Violência sexual como forma de invasão de privacidade e de intimidade da vítima.	“eu faço a outra pessoa perceber qual é o limite, e essa pessoa na mesma atravessa esse limite, (...) em termos sexuais, então isso para mim é violência sexual.”; “é uma invasão de privacidade”
		Atração	Comportamento despoletado pela forte atração (sexual) da agressora para com a vítima	“para ela o desejar assim tanto, à partida ele é atraente”
	Intrapessoais	Dominância	Comportamento incitado pela necessidade de sentir poder sobre o outro.	“quer sentir que alguém se submete às coisas dela”; “Quer também ser dominante sobre ele.”
		Paixão, Romantismo	Comportamento associado à (não) ligação emocional dos intervenientes	“acho que se a Marta tivesse (...) algum elo emocional (...) isto provavelmente não tinha acontecido.”; “tem uma paixão intensa por ele”
		Autoaprovação	Comportamento sexual como instrumento de autoaprovação pessoal.	“ela quer tanto fazer sexo com ele para provar que ela é boa (...) é a procura da autoaprovação através de uma outra pessoa”
		Desejo Sexual	Forte desejo sexual da agressora, que motiva o seu comportamento	“porque ela o desejava naquele momento.”;
		Mecanismo de Defesa	Forma de lidar com a rejeição e de assumir que não tem nenhum problema.	“uma atitude defensiva do género ‘ah o problema não é meu, o problema é teu’”; “são as inseguranças dela que a fazem apontar-lhe o dedo”;
		Necessidade Básica	A um nível sexual e hormonal e relativo a carência emocional	“a atitude de insistir (...) parece-me simplesmente pela necessidade básica de sexo”; “ela por estar carente, não respeitou a opinião dele e avançou na mesma”;
		Reenactement de Experiência de Vitimização	Experiência anterior de vitimização que origina comportamentos semelhantes aos experienciados	“Pode haver muitas razões, se calhar já fizeram o mesmo com ela (...)”

		Vingança	Sentimento de vingança consequente da rejeição por parte da vítima	“ela sentiu-se no direito de ter vingança por não ter tido algo que queria ter, por ele a ter negado (...)”
	Socioculturais	Contexto	Contexto de intimidade que proporciona o comportamento violento; Fatores sociais que levam a uma maior ocorrência deste tipo de casos.	“ocorrem este tipo de situações em determinados ambientes, em casa, ou às vezes numa situação de um bar ou de uma saída à noite”; “são muitas situações que se passam, (...) tanto de feminino para masculino, como de masculino para feminino e entre o mesmo sexo.”;
		Homofobia	Pensamento automático de homossexualidade quando um homem nega relações sexuais.	“há o estigma de se a mulher diz que não e a pessoa e, o homem continua a provocar é assédio ou violação, mas se for a mulher a fazer então é (...) culpa do homem que é maricas ou que não tem, não tem testosterona suficiente”
		Normalização de Violência Sexual	Violência sexual percebida como uma situação comum	“senti que isto é considerado uma situação de normalidade, hoje em dia”; “um tipo de história que é comum, porque acontece muitas vezes”
		Objetificação Sexual	Vítima vista apenas como um meio para atingir a satisfação sexual	“Outra coisa que também poderia mudar seria a objetificação, e a forma como as pessoas olham para as pessoas de uma forma tão carnal”
		Papéis de Género	Discursos sociais que ditam o comportamento normativo esperado por ambos os géneros	“nós não estamos habituados a ver a história desta perspectiva, de ser uma rapariga a fazer a um rapaz”; “a mulher é vista como um ser mais frágil”; “um homem dizer que não, rejeitar sexo é um bocado, não é normal”; “fisicamente já estava a gostar pronto, ao ter uma erecção, os homens gostam e, gostam de prolongar a sensação”;
Impactos/Consequências	Agressora	Impacto Pessoal	Consequências do seu comportamento que tem impacto na sua imagem pessoal.	“acho que ia ser pior para ela do que para ele”; “a relação entre ele e a Marta acabava.”

	Impunidade/Inconsistência	Ausência de impacto ou consequências para agressora.	“a Marta não sofre consequências nenhuma”;
	Queixa Formal	Resultado final reflectido na apresentação de uma queixa contra a agressora.	“Provavelmente chamariam a Marta à atenção, ou faziam queixa a alguém, a alguma entidade.”
Vítima	Consequências Temporais	Por um lado consequências/impactos apenas temporários; por outro, impactos que se reflectem a longo prazo.	“E talvez noutras relações futuras depois, isso podia ser um factor (pausa) que o fizesse (...) estar mais inseguro.”; “depois a vida do João ia mudar muito”
	Desconforto	Impacto imediato da violência sexual	“se deixa uma outra pessoa desconfortável ou, com medo, já para mim já faz parte de violência sexual.”;
	Desvalorização	Desvalorização da vitimização, percebida de forma insignificante.	“pensaria que era <i>facejacking</i> ”; “acho que provavelmente não ia ser levado tão a sério, como se fosse ao contrário”
	Impacto Social e Psicológico	Relativo à sua imagem social, nomeadamente isolamento social e outros impactos psicológicos.	“claro que ia afetar sempre o psicológico dele”; “ia ser gozado e ia ser excluído socialmente”;
	Inconsequência	Ausência de consequências ou impacto para a vítima.	“depende da personalidade, se calhar não ia ligar”
	Responsabilização	Atribuição de responsabilidade da vitimização, (pela ausência de um maior nível de assertividade.)	“Neste caso ele permitiu que ela se fosse chegando e fosse invadindo o espaço pessoal dele, apesar de ele dizer que não, mas ele não o fez de uma maneira que se calhar ela entendesse logo que, não é não.”;

a) Caracterização dos intervenientes

O primeiro tema está associado à caracterização dos intervenientes, ou seja, à imagem do homem e da mulher envolvidos em comportamentos de violência sexual, percebida pelas participantes desta investigação. Através do questionamento da descrição dos intervenientes numa situação específica de violência sexual, foi possível perceber qual a percepção que as participantes têm de ambos os géneros, por esta razão, este mesmo tema foi dividido em dois subtemas, um relacionado com o Ativo, neste caso particular, a mulher agressora e, o Recetivo, ou seja, o homem vítima. No caso da mulher, dentro do subtema

Ativo, pode-se encontrar seis códigos com adjetivos com alguma conotação negativa, sendo que quando confrontadas com a questão sobre a descrição da agressora, as participantes confrontaram-se com alguma dificuldade: “(...) *estou a tentar encontrar palavras não ofensivas.*”. Todos estes códigos se dirigem a adjetivos relacionados com o comportamento da agressora, o que se pode perceber que o mesmo é característico da personalidade de uma mulher que possa realizar este tipo de comportamento.

Dentro deste mesmo tema é então possível encontrar códigos associados à vítima. Neste subtema encontramos dois pólos de adjetivação distintos, para descrever a mesma pessoa. Enquanto por um lado, a vítima pode ser percebida como alguém assertivo, nomeadamente em relação ao seu comportamento confrontativo para com a agressora, esta mesma vítima pode também ser percebida como uma pessoa passiva e que se submete ao comportamento de terceiros. Neste sentido, é esperado que a vítima ceda às estratégias adotadas pela agressora e que mais facilmente se submeta ao tipo de comportamento a que possa estar exposto. Este mesmo comportamento de passividade vai de encontro ao código Introvertido, onde a vítima é caracterizada pela sua timidez e calma, tendo em conta a sua forma de lidar com a situação e com a própria agressora. Ainda neste subtema, no código Oposto ao Estereótipo, o homem é percebido com uma imagem contrária ao que é esperado no comportamento de um homem segundo os estereótipos de género, os quais poderemos ver detalhados mais a frente no terceiro tema.

b) Estratégias

Anteriormente foi possível perceber de que forma as participantes percebem as agressoras e as vítimas envolvidas em comportamentos associados a violência sexual, neste tema seguinte é possível perceber de facto, que tipo de comportamentos são considerados violência sexual. Este tema divide-se então em dois subtemas, que se traduzem em dois tipos de estratégias: físicas e psicológicas. A nível físico, entenda-se violência sexual como o contacto físico entre duas pessoas, sendo que por uma delas, esse mesmo contacto não é desejado, à exceção do que diz respeito à Genitalidade - este código pressupõe a exposição da vítima a comportamentos sexuais (e.g.: masturbação por parte da agressora), sem que seja necessário o contacto físico entre pessoas, não deixando de ser assim um comportamento físico. O contacto não desejado pode também ser resultado do estado inconsciente da vítima (Aproveitamento de Pessoa Intoxicada). Ao longo de toda a análise temática surge o debate

sobre a diferenciação de violação e violência sexual, sendo que a primeira é referenciada para descrever exemplos deste tipo de violência, porém não é utilizada em exclusividade, entendendo-se assim que, “(...) a violação é um tipo de violência sexual (...)”, pois “(...) há muito mais formas de violência sexual que não só a violação.”. No entanto, no código Violação Tentada, não é necessária a consumação do ato para que a mesma seja considerada violência sexual, demonstrando assim a complexidade e amplitude dos comportamentos que envolvem este tipo de violência.

Por outro lado, as estratégias podem também traduzir-se em táticas psicológicas, como forma de comportamento violento. Os três códigos apresentados no mapa de conceitos e na grelha de resultados apresentam estratégias semelhantes a nível de manipulação psicológica, no entanto, a diferenciação destes relaciona-se com a conotação e o significado que os mesmos transparecem. No que diz respeito ao Controlo, entenda-se que há uma forma direta, e uma intenção clara da agressora controlar o comportamento da vítima. Através de chantagens, provocações, comportamentos insistentes, a agressora pretende assim que a vítima execute determinado comportamento. No mesmo sentido, mas de uma forma menos direta, na Inferioridade, Submissão, a agressora utiliza estratégias psicológicas no sentido de fazer com que a vítima se sinta rebaixada e conseqüentemente obrigada a ter determinado comportamento para ir ao encontro dos desejos da agressora e assim a agradar. Ou seja, nestes dois códigos há a intenção de a agressora levar a vítima a fazer algo que não quer, no entanto, no primeiro, a agressora tem um papel ativo neste comportamento, enquanto no segundo, a vítima tem a decisão de se submeter a este comportamento, apesar de igualmente se sentir numa posição de obrigatoriedade. Contrariamente a estes códigos anteriores, a Invasão é uma estratégia, sem a conotação de obrigatoriedade ou de forçar um comportamento, sendo assim vista como uma estratégia psicológica onde há uma sensação de invasão, mesmo com o objetivo de importunar a vítima e de causar desconforto.

c) Perspetivas de Motivações/Justificações

Após ser possível identificar e caracterizar os sujeitos envolvidos numa situação de violência sexual e, de perceber de que forma as agressoras atuam perante esta situação, é agora possível perceber qual a perceção que as participantes têm para quais as razões que motivam este tipo de comportamento e que tipo de justificações estão envolvidas no mesmo. Estas mesmas motivações dividem-se em três subtemas, correspondentes aos diferentes tipos:

Interpessoais, onde as justificações se centram muito na relação com o outro, há uma intenção para com o outro, que justifica este tipo de envolvimento, quer seja pela atração para com a vítima, pela relação emocional entre ambos os intervenientes, ou então pelo desejo da agressora se expressar como superior e dominante nesta relação. É também de notar que na Paixão, Romantismo, pode também ser identificado a inexistência deste mesmo sentimento, onde está assim implicado um desrespeito para com a vítima, que não aconteceria se existisse qualquer tipo de relação emocional entre ambos.

Por outro lado, as motivações Intrapessoais estão relacionadas com motivações intrínsecas à agressora. Contudo, segundo o parecer das participantes, estas estratégias poderiam estar igualmente associadas a um comportamento de terceiros, nomeadamente, no que diz respeito: ao Mecanismo de Defesa, ou seja, a forma da agressora lidar com a rejeição por parte da vítima; a necessidade de vingança aparentemente derivada dessa mesma rejeição; e o *Reenactement* de Experiência de Vitimização, onde uma experiência de vitimização sentida pela agressora, explica o atual comportamento da mesma. No entanto, estas explicações são percebidas como fazendo parte do coping da agressora a estas mesmas situações, por esse motivo se incluem neste subtema. Outras motivações/justificações, são também claras a um nível intrapessoal, tal como a necessidade de autoaprovação, em que as respondentes apontam por um lado, a necessidade da agressora se exprimir sexualmente e, por outro, a necessidade de requerer a sua própria aprovação por parte de terceiros, isto devido à imagem que as participantes têm de uma agressora insegura e/ou com falta de autoestima “(...) o comportamento dela também pode advir daí de, alguma insegurança (...)”. Denota-se ainda a ideia de que o desejo sexual opera enquanto mecanismo explicativo, ao ser identificado como uma Necessidade Básica de um envolvimento sexual por parte das respondentes, contendo por um lado uma explicação ao nível biológico e essencialista, que implica também uma fraca capacidade de autocontrolo e, por outro lado, uma faceta mais psicológica de carência emocional.

Ainda dentro deste grande tema, é possível distinguir o subtema Socioculturais, que diz respeito a discursos sociais que reforçam a ideia de que este tipo de comportamento poderá ser aceitável e em certa parte normalizado, não havendo nada de errado no mesmo. Primeiramente, o próprio Contexto de intimidade reflecte a ideia de que, em situações de intimidade entre duas pessoas, é expectável que esse momento se traduza em envolvimento sexual, podendo assim provocar uma reacção mais violenta por parte da agressora, quando o

mesmo não se realiza. Dentro deste mesmo código, é possível perceber quais os meios onde o mesmo acontece mais frequentemente, sendo este perante uma população mais jovem, nomeadamente em contexto universitário, pois os jovens são percecionados como mais impulsivos, não agindo em consonância com a consequência dos seus atos. O mesmo comportamento é mais frequente em meios urbanos, com maior número de população (e.g.: “(...) *acontece-me tanto tanto tanto e, é neste meio, porque aqui ninguém se conhece.*”), e é também esperado que este tenha uma tendência a aumentar. Levando então a uma ideia de Normalização da Violência Sexual, quer seja pelo facto da mesma ser percecionada pelas respondentes como bastante realista e cada vez mais frequente, como pela própria perceção entre a sociedade, nomeadamente de agressores e vítimas, de que este comportamento é normativo no seio de uma relação sexual, criando assim a ideia de que não há nada de errado neste tipo de comportamento e na adoção do mesmo. Levando também, desta forma, a uma perceção do ser humano como um objecto sexual com o propósito final de obter do mesmo, uma satisfação sexual, mesmo que para isso, seja necessário recorrer a meios mais violentos. Este mesmo código, Objetificação Sexual, remete para a crença de que é cada vez mais frequente um envolvimento sexual muito “*carnal*” por parte das pessoas, implicando um maior desrespeito para com os intervenientes deste mesmo envolvimento (e.g.: “*a objetificação, e a forma como as pessoas olham para as pessoas de uma forma tão carnal*”).

Partindo agora para o código sobre os Papéis de Género, estes descrevem comportamentos que são esperados para cada género, ou seja, de que forma a sociedade entende que os géneros se comportem, mais precisamente numa relação sexual, ao que poderemos também denominar de estereótipos. Entre os estereótipos concebidos pela sociedade, os que sobressaíram pelas entrevistas e posterior análise das mesmas são: o facto de os homens estarem sempre predispostos para o sexo (e.g.: “*os homens são mais antecipados para o sexo*”), pois por natureza têm muito mais vontade sexual que o género feminino, reforçando a ideia de que não é normal os homens rejeitarem ter relações sexuais com uma mulher; a imagem de agressor está associada a um homem, por ser considerado mais forte que uma mulher e, o papel de vítima está maioritariamente associado a uma mulher, por esta ser considerada o sexo mais fraco, sendo desta forma impensável que a mesma consiga prender um homem e desta forma obrigá-lo a ter relações sexuais (e.g.: “*a Marta, não conseguia, é só uma rapariga, não conseguia prender o João ali no sofá*”); a ideia de que quando um homem tem uma erecção, esta por si só está directamente associada à sua vontade sexual; o facto de os homens, na sua generalidade não terem sentimentos, ou pelo

menos a ideia de que não os expressam e, por essa razão, os mesmos não reportam se sofreram de violência sexual, pelo grande sentimento de vergonha associado ao facto de terem de confessar este tipo de vitimização. Porém, existem algumas ideias por parte das participantes, que desafiam este tipo de estereótipos e que põem o foco na mudança comportamental por parte do sexo feminino, dando uma certa ideia de empoderamento das mulheres, nomeadamente a percepção de que cada vez mais as mulheres se estão a tornar mais provocadoras, tornando-se assim as principais incitadoras de um relacionamento sexual (e.g.: *“as mulheres é que estão mais, a ficar mais antecipadas para o sexo do que os homens.”*). Outro estilo diferente de Papéis de Género, atribui a ideia de haver um tipo de comportamento violento específico para cada género, nomeadamente o facto de *“nós enquanto mulheres estamos mais susceptíveis a esses comentários, acho que enquanto homem é uma questão muito mais de manipulação.”*

d) Impactos/Consequências

Após se perceber como as respondentes conceptualizaram as características dos intervenientes de uma situação de violência sexual, as estratégias e comportamentos que podem ser classificados como violência, e os motivos pelos quais as agressoras adotam estes comportamentos, neste último tema poderemos perceber qual a percepção acerca do impacto e das consequências, quer para a agressora, quer para a vítima. Desta forma, este tema divide-se precisamente em dois subtemas consoante o sujeito de que se trata. Através da codificação das respostas foi possível perceber que as participantes conseguem identificar um maior número de impactos e de consequências para a vítima, em comparação com a agressora. No entanto, é recorrente a ideia de que se por um lado a agressora não sofreria qualquer tipo de consequência com o seu comportamento; por outro lado, esta sofreria um maior impacto do que a vítima, no que diz respeito à sua imagem pessoal, pois relativamente aos amigos mais próximos de ambos os intervenientes, é expectável pelas respondentes, que a agressora ficaria com a sua imagem danificada, podendo ser alvo de críticas pelos mesmos. Outro impacto a nível pessoal e que aparenta ser consensual é também o término da relação entre ambos (e.g.: *“a relação entre ele e a Marta acabava”*). Uma das consequências mais expectáveis seria também o facto da vítima ou alguém próximo da sua rede de apoio, efectuar formalmente uma queixa contra a agressora.

No que diz respeito à vítima, apesar de haver uma pequena porção que percebe que a mesma não sofrerá qualquer impacto, passando indiferente a este acontecimento, esta proposta foi apenas colocada como uma vasta possibilidade e não como algo certo. Entre as restantes consequências, algumas são referenciadas a longo termo, tal como a insegurança e desconfiança no que diz respeito a relações futuras e, outras como imediatas, nomeadamente o Desconforto, sendo o impacto mais direto e uma das principais consequências deste comportamento violento, sendo consensual entre todas as participantes. Ao mesmo tempo, existem duas consequências que se identificam como muito prejudiciais para a vítima, pois é causada por terceiros, nomeadamente a Desvalorização, onde esta mesma vitimização não seria levada com seriedade, desvalorizando assim a situação pela qual a vítima passou. Por último, as participantes transmitem a ideia de que a vítima assume um papel passivo nesta situação, pois esta permite que a sua agressora vá avançando no seu comportamento mais violento, assumindo assim, que a vítima tem em parte responsabilidade neste acontecimento, pois não assumiu um papel mais assertivo/agressivo, que impedisse este tipo de situação.

3. Discussão

No campo da investigação sobre violência sexual, são escassas as investigações que estudam o fenômeno, quando o mesmo é perpetrado por uma mulher, estando o homem no papel de vítima. Sendo que os existentes se centram neste tipo de violência em locais de conflito e de guerra, em países do Sul Global (Chynoweth, Freccero, & Touquet, 2017; Drumond, 2019; Solangon & Patel, 2012), e que nada reflectem a realidade do meio ocidental. A presente investigação veio colmatar essas mesmas lacunas e como tal, procedeu-se à seguinte questão de investigação: “Qual a percepção social que as estudantes universitárias, têm relativamente à violência sexual perpetrada por mulheres contra homens?”. Através da análise de dados, foi possível conferir algumas conclusões, apresentadas de seguida.

a) Papéis de género e percepção de caracterização e comportamento dos intervenientes

À luz dos resultados apresentados na secção anterior, foi possível verificar inicialmente uma ambivalência no que diz respeito à caracterização da vítima, pois esta divide-se essencialmente em dois pólos distintos, a assertividade e a passividade, tendo estas influência no decorrer das respostas sobre violência sexual. Quando a vítima é percebida como assertiva, (ou seja, quando se afirma perante a agressora e não fornece consentimento à mesma), a ocorrência de violência sexual parece não ter continuidade, pois o mesmo não o iria permitir, de acordo com várias das respostas (e.g.: “acho que ele seria assertivo até ao fim e acho que (...) ele não queria falar, não queria sequer ter mais nada com ela.”). O mesmo também se reflete nas consequências desta violência para a vítima, sendo algo que envolveria muito menor impacto, pois a humilhação posterior à violência não seria sentida.

Por outro lado, de acordo com as respostas fornecidas, uma atitude passiva da vítima implicaria uma maior dominância por parte da agressora, pois esta aproveitar-se-ia da vítima e iria humilhá-la perante as redes sociais, como é o caso da história da vinheta deste estudo. Esta atitude passiva por sua vez, parece também influenciar a percepção de impacto na vítima, sendo que com a continuidade do ato caracterizado como violência sexual, as participantes referem que haveria um maior impacto social e psicológico, qualquer que fosse o desenrolar da história (ou seja, quer a vítima ceda à chantagem da agressora ou não), tal como um maior sentimento de desconforto. Uma das consequências assinaladas está relacionada com a

responsabilização da vítima, no sentido em que as participantes consideram que a mesma não fez o suficiente para se defender (e.g.: “ele permitiu que ela fosse longe demais desde o início”), devendo em alternativa ter tomado uma atitude mais agressiva, recorrendo à chantagem, semelhante ao comportamento da agressora, como é sugerido pelas respondentes.

É possível identificar a influência de um estereótipo associado ao sexo masculino, nomeadamente o facto de o homem ser considerado o sexo mais forte, como tal, surgindo a ideia de que a mulher não consegue prender um homem, por sua vez, por ser considerado o sexo mais frágil (e.g.: “é mais frequente nas mulheres porque são mais “indefesas””). Como tal, sendo o homem mais forte, é então percebido que o mesmo se consiga libertar de uma situação de violência sexual, podendo mesmo adotar medidas mais drásticas. Igualmente a estes resultados, num estudo realizado por Perrott e Webber (1996), os autores concluíram que os homens que são vítimas de violação têm uma maior probabilidade de serem considerados responsáveis, pela sua incapacidade de se defenderem a si mesmos dos atacantes, de escaparem da situação, ou de não terem tomado as devidas precauções (Idisis, Ben-David, & Ben-Nachum, 2007). Ser vítima de violência sexual, pode ainda levar os homens a questionarem-se sobre a sua própria masculinidade, sendo que associado ao estereótipo de homem, sentem que não foram homens o “suficiente” (Javaid, 2016).

É então possível de verificar a ideia de que a comunicação direta de desejo de que a agressora parasse, no caso dos homens, é insuficiente para determinar o não-consentimento de uma relação sexual, de acordo com várias das respostas recolhidas. Tal poderá ser explicado pelo facto de que a determinação de consentimento sexual é uma função associada à mulher, como o verifica Humphreys (2007). Segundo este autor, os participantes da sua investigação atribuíram ao homem o papel de iniciação de uma relação sexual, e à mulher a imposição de limites e a determinação da continuação da mesma. Quando a agressora se trata de uma mulher, o consentimento é algo percebido como adquirido, sem ser necessária a expressão verbal do mesmo (Russell, Oswald, & Kraus, 2011). Se é então expectável que seja uma mulher a fornecer consentimento, talvez por esta razão, esta resposta não seja esperada por parte de um homem, sendo necessário que o mesmo o reforce, por meios mais agressivos, que de facto não se quer envolver numa relação sexual com uma mulher.

As respostas fornecidas pelas participantes transmitem então a ideia de que o desenrolar de um episódio de violência sexual, depende da vítima e das suas características, tendo esta um certo controlo e opção de se permitir ser vítima, retirando assim o foco de

atenção da agressora. Tal é igualmente transmitido pela estratégia psicológica de submissão e inferioridade. Persiste então a ideia de que a vítima apenas se submete a este comportamento se tiver uma personalidade mais introvertida e submissa, não resistindo assim a este comportamento manipulatório.

Relativamente à agressora, esta foi percebida com uma imagem negativa. A nível de personalidade, entenda-se que as agressoras tendem a ter pouca empatia para com terceiros, sendo notável o desrespeito que têm para com as vítimas e a dificuldade em colocar-se no lugar do outro, ignorando por completo o desconforto do mesmo, prevalecendo apenas as suas necessidades. Tal imagem é congruente com o estudo de Russell, Doan, e King, (2017), em que mulheres sexualmente agressivas foram percebidas como hostis, excêntricas e desrespeitosas para com as necessidades dos outros.

Em relação a estes estereótipos associados à força de cada género, as participantes deste estudo apontam algumas diferenças nos comportamentos típicos de violência sexual entre os intervenientes. Como tal, ao homem associado à sua força, está maioritariamente a utilização de estratégias físicas, nomeadamente assédio e, por outro lado, a mulher é mais associada à utilização de estratégias psicológicas. Esta percepção vai muito ao encontro do que é a realidade atual, tal como se pode observar pelo estudo de Carvalho e colaboradores (2018), onde grande parte da população feminina recorria maioritariamente a estratégias de manipulação. Apesar de na atual investigação, as participantes nomearem ambos os tipos de estratégias, esta conceptualização poderá ser uma das razões pelas quais não foram nomeadas qualquer tipo de consequências ao nível físico, para a vítima (Russell et al., 2011).

Nesta secção podemos perceber que há uma certa ambivalência no que diz respeito à percepção da caracterização da vítima, e que uma atitude passiva pode desencadear uma ideia de responsabilização da mesma levando à minimização da experiência de vitimização, no entanto, a agressora é percebida com uma imagem negativa. Foi ainda possível perceber que numa situação de violência sexual, quando o homem é vítima da mesma, o consentimento torna-se uma questão bastante complexa sendo possível que seja tomada como garantido. Foi também possível identificar diferenças de género, relativamente à percepção de utilização de estratégias, sendo distintas para ambos.

b) Papéis de género e a influência na percepção de violência sexual

Para além dos estereótipos associados aos papéis de género acima mencionados, foi possível, através do discurso das participantes, identificar outros que influenciam a forma como a violência sexual é perspectivada, influenciando também a opinião sobre o comportamento da agressora. Tal como foi referido anteriormente, as percepções referenciadas por Byers (1996) continuam bastante atuais. Apesar de se apresentarem algumas alterações, passados mais de vinte anos os estereótipos entre as diferenças de género, mantêm algumas semelhanças, revelando assim uma consistência intergeracional, o que indica que, apesar do surgimento de movimentos feministas e da cada vez maior, luta pela igualdade de géneros, os estereótipos relativos à sexualidade continuam presentes, tratando-se a mudança social de um processo lento e não linear, que exige um esforço contínuo.

Associado ao homem, persiste a ideia de que este é totalmente disponível e predisposto para o sexo, sendo então segundo as participantes, não considerado como normal que um homem rejeite ter relações sexuais (e.g.: “um homem dizer que não, rejeitar sexo é um bocado, não é normal”). Como tal, transmite a ideia de que fornece à agressora uma permissão intrínseca de proceder ao toque sexual, sem pensar que o mesmo possa ser indesejado, pois o homem estará sempre predisposto, independentemente do contexto.

Quando de facto este rejeita ter relações sexuais, na história retratada pela vinheta, este é acusado de ser homossexual, o que segundo as respostas das participantes, é algo que se assemelha bastante à realidade (e.g.: “é verdade do que diz ali de “ah não queres, és paneleiro” é, normalmente é o que acontece.”). Segundo as participantes, a agressora emprega este argumento, sendo esta uma construção social que, neste caso, assume duas funções: primeiramente para colocar a causa da rejeição no homem, e não na possibilidade de a agressora não ser vista como atraente ou sedutora; segundo, este rótulo funciona como chantagem, pois o homem sente pressão de fazer provar o contrário, cedendo assim ao comportamento sexual da agressora, como forma de “provar” a sua masculinidade heterossexual (e.g.: “ela já estava a dizer que ele de certeza que era gay e, mesmo para tentar provar à Marta que não”). Tal é congruente com as conclusões feitas por Stewart (2018), no seu estudo, em que a mesma observou que a homofobia proveniente das mulheres, servia o propósito de regular a masculinidade, neste caso especificamente, para regular o comportamento do homem e no sentido deste se afastar do que é considerado homossexual. Se o mesmo não ceder à insistência da agressora, é considerado que o seu comportamento

pode ser alvo de gozo e humilhação, por se desviar do que é considerado a masculinidade hegemónica (Doherty & Anderson, 2004), persistindo mais uma vez a ideia de que o homem é o sexo dominante e que a sexualidade é fator envolvente na determinação desse estatuto. É assim possível identificar um carácter homofóbico nesta narrativa, pois se não quiser ter relações sexuais poderá ser considerado “menos homem”. O próprio discurso das participantes (que muitas vezes é empregue para retratar o que é dito por outras pessoas, não significando que as mesmas recorram a tais palavras) revela este mesmo carácter, sendo que para referenciar tal ideia, foi frequentemente utilizada a palavra “maricas”, tendo por si só, uma conotação depreciativa. Mais uma vez, esta ideia retira o foco da atenção da culpabilização da agressora, servindo esta situação de violência mais como uma prova de masculinidade do homem, alterando a perceção de que este comportamento possa ser interpretado como violência sexual.

Apesar de persistirem estas ideias sobre os papéis de género, surgem também outras que sugerem uma modificação da visão atual do comportamento da mulher e alterações nos padrões comportamentais no que diz respeito à sexualidade. Tais discursos referem que cada vez mais as mulheres estão a ficar mais predispostas para o sexo, ou seja, ao contrário da ideia de que é expectável que o homem tome a iniciativa sexual, as participantes consideram que atualmente as mulheres também assumem essa função e que tal é totalmente aceitável (e.g.: “é normal que se ela, não acho que seja mau ela começar a provocá-lo”). Tal se verifica também quando a agressora é percecionada como provocadora, onde as participantes referem que cada vez mais as mulheres adotam progressivamente um comportamento provocador, alterando assim a perspectiva do papel da mulher na sexualidade, o que demonstra o ganho de uma certa força ou poder que anteriormente não era considerada (e.g.: “o facto de as mulheres terem ganho força ao longo dos anos, têm usado essa força, um bocado de forma incorrecta”). A perceção de problema surge exactamente quando este comportamento provocatório é utilizado de forma incorrecta e se traduz em estratégias manipulatórias e agressivas.

Foi então possível verificar diferenças e semelhanças na utilização de estereótipos associados aos papéis de género e o facto de estes continuarem a influenciar a forma como a violência sexual é percecionada, e também como é feita a atribuição de responsabilidade aos intervenientes. Sendo que os estudos indicam que tendencialmente, as mulheres agressoras são avaliadas com menor culpabilidade em relação aos homens agressores (Anderson & Lyons, 2005; Russel et al., 2011). Tais semelhanças referem que segundo as respostas das

participantes, os homens estão sempre predispostos para o sexo, não sendo percecionado como normal rejeitá-lo, identificando-se discursos homofóbicos quando tal acontece. Estes discursos retiram o foco da culpabilização da agressora e, levam conseqüentemente a uma menor visibilidade e percepção da mulher na posição de agressora (e.g.: “é raro acusar-se uma mulher de violência quer física, quer psicológica sobre um homem.”).

No entanto, as principais mudanças nestas narrativas centram-se principalmente na percepção do comportamento do sexo feminino, surgindo a ideia de que as mesmas podem de facto ser vistas como agressoras.

c) Crenças sobre a sexualidade: questões biológicas e psicológicas

Existem também várias razões que as participantes apontam como possíveis motivações do comportamento da agressora e que transmitem ideias acerca da conceptualização da sexualidade humana. Tais motivações podem traduzir-se em ideias de carácter mais biologizante do ser humano, ou mais psicologizante.

Esta perspectiva biológica diz respeito à noção de necessidade básica, pois segundo as respondentes, a agressora adota um comportamento violento como forma de ver satisfeitas a sua necessidade e desejo sexual que tem para com a vítima (e.g.: “necessidade básica e que está com as hormonas muito, muito saltitantes”). Tal ideia vai de encontro à crença de predisposição sexual por parte dos homens que igualmente indica a constante vontade e desejo sexual com que os mesmos são percecionados (e.g.: “é muito comum que os homens, pela demonstração de testosterona, pelo seu comportamento masculino, ajam o oposto que ele agiu”). Associada a esta percepção está o facto de as participantes referirem que tanto homens como mulheres, por vezes se relacionam somente com esse fim, servindo o parceiro apenas como objecto sexual. Esta motivação indica-nos assim que, segundo as participantes, não existem narrativas distintas para a percepção sexual perpetrada por homens e por mulheres, pelo menos a nível biológico. Isto, por sua vez, liga-se às transformações nas crenças sobre papéis de género mencionadas na secção anterior.

O nível de atratividade, percecionado como uma das características da vítima, serve também como justificação para este desejo sexual da agressora, bem como para a sua posterior insistência, sendo então mais credível que uma mulher seja capaz de assediar sexualmente um homem se o mesmo for atraente (Studzinska, 2015). Curiosamente, ao contrário destes resultados, em 2017 foi realizada uma investigação sobre violência entre

parceiros íntimos, onde se concluiu que relativamente à vítima masculina, foram atribuídas características físicas como: “gordo”, “feio” e “desleixado”, e ainda com uma personalidade tímida e demarcada por uma baixa autoestima. Este estudo (Lagartixa, 2017), propõe assim que apenas um homem com estas características se permitiria ser vítima de uma mulher, pois contrariamente não teria a confiança para sair da relação. Esta diferenciação de resultados poderá estar associada ao facto do presente estudo se tratar da violência de uma relação somente física, não envolvendo necessariamente uma ligação emocional e do estudo mencionado se tratar de uma violência entre parceiros. Tal indica então que poderá haver uma distinção na percepção de homem vítima, para diferentes tipos de violência.

Outra ideia que se destaca nos resultados é o facto de a ereção masculina estar diretamente associada ao prazer e à vontade sexual. As participantes entendem que se o homem tem uma ereção, este quer prolongar essa sensação, significando que se quer envolver sexualmente (e.g.: “ao ter uma ereção, os homens gostam e, gostam de prolongar a sensação”). Isto sugere que a ereção pode ser conceptualizada por algumas pessoas como um sinal de consentimento (e não apenas como uma reacção à estimulação sexual). Tal percepção sugere que a agressora teria assim permissão para persistir no seu comportamento e que o mesmo não seria entendido como violência sexual.

Relativamente ao comportamento da agressora, destacam-se algumas motivações relacionadas com o funcionamento e o processamento psicológico. Mais uma vez, associada ao estereótipo de mulher, e de esta ser considerada pela sociedade como o sexo mais fraco, salienta-se uma necessidade de autoaprovação e da mesma ganhar estatuto, adotando o sexo como uma estratégia para o atingir e provar-se a si mesma e ao resto da sociedade, de que é suficientemente boa (e.g.: “ela quer tanto fazer sexo com ele para provar que ela é boa”). No entanto, quando confrontada com o insucesso desta tarefa, e com a rejeição por parte da vítima, é percebido que a mulher tende a utilizar alguns mecanismos de defesa que se traduzem em estratégias psicológicas como a manipulação, humilhação e chantagem, exactamente para se proteger desta situação em que se vê deparada com o facto de não ser suficientemente boa para um homem.

Tal como foi conceptualizado por Marshall e Marshall (2000), também homens sexualmente agressivos podem utilizar o sexo como forma de coping para lidar com os problemas, e como forma de os fazer sentirem-se melhor com eles próprios. Neste caso as respondentes, entendem que também as mulheres o fazem como forma de compensar um

mau-estar. Segundo as mesmas, o desejo de poder e de ganhar aprovação pelos outros podem desencadear uma pretensão maior pela dominância, ambicionando a todo o custo ser superior às suas vítimas, utilizando precisamente estratégias mais agressivas.

Por último, a experiência passada de vitimização também se apresenta como explicação para o comportamento da agressora, apresentando-se esta também como uma forma de coping para lidar com esse trauma passado (Schatzel-Murphy et al., 2009).

Resumindo, existem algumas crenças sobre a sexualidade que por sua vez influenciam o modo de perceber a violência sexual e que, em certa parte, servem como argumentos desculpatórios para o comportamento da agressora. Estas crenças são percebidas com um carácter biológico: a nível da necessidade básica, do desejo sexual, da atração e da ideia errada relativamente às reacções fisiológicas do homem; e num ponto mais psicológico: a necessidade de autoaprovação, mecanismo de defesa, dominância e sentimento de vingança da agressora.

Concluindo esta secção, é importante retomar ao ponto de orientação deste estudo, ou seja, à questão de investigação: Qual a percepção social que as estudantes universitárias têm relativamente à violência sexual perpetrada por mulheres contra homens? Foi possível compreender que a percepção das estudantes universitárias se centra em vários aspectos, entre eles: a percepção de que a violência sexual pode assumir vários comportamentos, diferenciando-se entre físicos e psicológicos; no discurso das participantes foi possível identificar algumas crenças sobre o género e a sexualidade que influenciam a caracterização dos intervenientes, principalmente a imagem do homem no papel de vítima e, que promovem explicações sobre os seus comportamentos sexuais, onde também estes podem ser influenciados por estereótipos de género; todas estas ideias, posteriormente interferem na imagem da vítima, podendo a mesma ser considerada responsável pelo comportamento de que foi vítima e por outro lado, servem como argumentos desculpatórios do comportamento da agressora.

4. Limitações e pesquisas futuras

Tal como em todas as investigações também nesta é possível identificar algumas limitações, nomeadamente a nível da amostra. Tendo em conta o contexto da investigação e sendo esta qualitativa, onze participantes poderá qualificar-se como um bom número de amostra, porém, não se torna representativo da sociedade, merecendo um cuidado acrescentado em termos de generalizações. Serve no entanto, como um bom ponto de partida para novas investigações e comparações a serem feitas para novas amostras.

Ainda em relação à amostra, devido à disponibilidade do investigador e à participação voluntária das respondentes, esta careceu de diversidade ao nível sociodemográfico, sendo a maior parte das participantes da região do sul do país. Também o facto de um dos critérios de inclusão terem sido apenas estudantes universitárias, indica que estamos perante uma amostra com um elevado nível de escolaridade, (em comparação à restante população que constitui o país), e que poderá implicar um maior conhecimento ou compreensão por parte desta amostra. Como tal, seria importante, em estudos futuros, incluir amostras com outras faixas etárias e com uma maior representatividade das várias regiões do país, no sentido de identificar possíveis diferenças ou não, e se estas podem ser influenciadas por diferentes fatores, como o nível de escolaridade, a idade, ou até mesmo a região do país.

Apesar da perceção deste tipo de violência sexual perpetrada por mulheres, como uma realidade, grande parte das participantes utilizaram exemplos de casos e de estratégias baseadas numa violência sexual perpetrada por homens, contra mulheres. O que implica que atualmente o discurso social sobre este tema, continua a ser utilizado dentro de um contexto em que o homem é colocado num papel de agressor e a mulher como vítima. Este mesmo discurso poderá ser influenciado pelo facto de terem sido entrevistadas mulheres, fornecendo as mesmas, a sua perspectiva desta violência. Como tal, seria importante para uma investigação futura, replicar este estudo com uma amostra do sexo masculino, no sentido de apurar as diferenças ou semelhanças nas representações sociais, para perceber se estes discursos são ou não transversais a ambos os géneros.

Sendo esta uma investigação qualitativa, utilizando o método indutivo para extrair resultados, tenta-se sempre que os resultados sejam o mais próximo possível do que foi descrito pelas participantes, no entanto, passa sempre por um processo interpretativo do investigador. Como tal, esta depende da subjectividade do investigador, podendo influenciar o

estudo devido às suas próprias características, nomeadamente as suas próprias crenças e perceções sobre o tema em questão. No entanto, face a esta limitação, a análise de dados passa sempre pela interpretação de dois investigadores de forma a fortalecer a fiabilidade da mesma.

5. Conclusões e Implicações da Investigação

Através desta investigação foi possível concluir através dos resultados, que as principais perceções das participantes sobre a violência sexual perpetrada por mulheres contra homens, se centra vários aspectos. Primeiramente, a perceção e a visão que as respondentes têm sobre a imagem associada a vítima do sexo masculino, sendo possível determinar uma ambivalência na sua caracterização, influenciada por algumas crenças associadas aos papéis de género, nomeadamente o facto de o homem ser considerado o sexo mais forte, e ser esperado que o mesmo se defenda numa situação de violência sexual, quando tal não acontece é percecionado que este possa ser considerado responsável pela sua experiência de vitimização. Relativamente à agressora, esta é percecionada com uma imagem negativa, sendo o seu comportamento considerado bastante criticável.

Em segundo, obteve-se algumas perceções sobre os comportamentos que poderão ser considerados violência sexual, sendo possível categorizar os mesmos de estratégias físicas e psicológicas. Foi também possível perceber através das respostas obtidas que é considerado que as mulheres quando de situações de violência sexual, fazem maioritariamente uso a estratégias psicológicas tais como a manipulação. Dentro da perceção sobre violência sexual, identificou-se alguns estereótipos que influenciam esta conceptualização, nomeadamente a ideia de que o homem está sempre predisposto para o sexo, a perceção de que não é normal por parte de um homem, este rejeitar sexo e, a ideia de homofobia associada à rejeição de sexo por parte do sexo masculino. No entanto, foram visíveis através dos discursos das participantes a conceptualização de que cada vez mais as mulheres podem também ser consideradas agressoras, por adotarem cada vez mais um comportamento provocatório que poderá desencadear comportamentos mais violentos.

Os resultados recaem também sobre as crenças que as respondentes têm sobre a sexualidade e as conceptualizações que de certa forma justificam a presença de comportamentos violentos, servindo-se quase como uma narrativa desculpatória para os mesmos. Através do discurso das participantes foi possível perceber que este comportamento pode assumir um carácter biologizante e psicologizante e, que também aqui determinados estereótipos influenciam esta perceção, tais como a ideia da total predisposição do homem para o sexo, da ideia de erecção associada à vontade de prazer do mesmo, e da consideração da mulher como o sexo mais fraco.

Apesar de se identificar algumas mudanças, tais crenças e a recorrente utilização deste tipo de discursos para conceptualizar todo o fenómeno que é a violência sexual, podem ainda assim eventualmente levar a uma minimização da experiência de vitimização por parte do sexo masculino, retirando assim o foco de culpabilização da agressora o que, conseqüentemente leva a uma menor visibilidade da mulher na posição de agressora

Conclui-se assim que é importante investir na prevenção deste tipo de situações, mais precisamente junto de estudantes universitários, onde há um grande número de ocorrência destes casos. Para tal, este estudo torna-se relevante no sentido em que fornece uma noção base de como as pessoas entendem a violência sexual e quais as representações sociais que envolvem toda a temática, nomeadamente todos os estereótipos que impedem a visão do homem como vítima e que, por consequência, impedem que os mesmos tenham um bom suporte de ajuda.

Só com o conhecimento destas representações sociais, é possível uma construção coerente de campanhas de sensibilização e programas de prevenção que vão ao encontro de desconstruir estas mesmas representações. É também importante salientar a necessidade de programas de educação sexual, nas populações mais jovens que trabalhem não só a desconstrução destes discursos, tal como já foi referido, mas também a conceptualização sobre a sexualidade, colocando o enfoque na violência sexual. Sendo também importante desmistificar certos comportamentos que possam levar à interiorização desta violência como parte integrante de uma relação, pois tal como se pôde verificar nas respostas fornecidas pelas participantes, está vincada a ideia de normalização deste tipo de violência numa relação.

É assim fundamental que o conhecimento acerca destas perceções não seja negligenciado, sendo importante trabalhar os mesmos, para uma conceptualização da violência sexual que não se baseie em estereótipos sobre os papéis de género, trabalhando progressivamente para a modificação de comportamentos que se traduzam em situações de violência sexual.

Referências Bibliográficas

- Anderson, I., & Lyons, A. (2005). The Effect of Victim's Social Support on Attributions of Blame in Female and Male Rape. *Journal of Applied Social Psychology*, 1400-1417.
- Anderson, P. B., & Sorensen, W. (1999). Male and Female Differences in Reports of Women's Heterosexual Initiation and Aggression. *Archives of Sexual Behavior*, 243-253.
- Ayala, E. E., Kotary, B., & Hetz, M. (2015). Blame Attributions of Victims and Perpetrators: Effects of Victim Gender, Perpetrator Gender, and Relationship. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-23.
- Bouffard, J. A., Bouffard, L. A., & Miller, H. A. (2016). Examining the Correlates of Women's Use of Sexual Coercion: Proposing an Explanatory Model. *Journal of Interpersonal Violence*, 2360-2382.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 77-101.
- Busby, D. M., & Compton, S. V. (1997). Patterns of Sexual Coercion in Adult Heterosexual Relationships: An Exploration of Male Victimization. *Family Process*, 81-94.
- Byers, E. S. (1996). How Well Does the Traditional Sexual Script Explain Sexual Coercion? Review of a Program of Research. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 7-25.
- Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual Characteristics of Women Reporting Sexual Aggression Against Men. *Journal of Interpersonal Violence*, 2539-2555.
- Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2018). Dynamic Risk Factors Characterizing Aggressive Sexual Initiation by Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-23.
- Chapleau, K. M., Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2008). Male Rape Myths: The Role of Gender, Violence, and Sexism. *Journal of Interpersonal Violence*.

- Chynoweth, S. K., Freccero, J., & Touquet, H. (2017). Sexual violence against men and boys in conflict and forced displacement: implications for the health sector. *Reproductive Health Matters*, 90-94.
- Davies, M., Pollard, P., & Archer, J. (2006). Effects of Perpetrator Gender and Victim Sexuality on Blame Toward Male Victims of Sexual Assault. *The Journal of Social Psychology*, 275-291.
- Davies, M., Rogers, P., & Whitelegg, L. (2009). Effects of victim gender, victim sexual orientation, victim response and respondent gender on judgements of blame in a hypothetical adolescent rape. *Legal and Criminological Psychology*, 331-338.
- Davies, M., Smith, R., & Rogers, P. (2009). Police Perceptions of Rape as a Function of Victim Gender and Sexuality. *The Police Journal*, 4-12.
- Denov, M. S. (2003). The Myth of Innocence: Sexual Scripts and the Recognition of Child Sexual Abuse by Female Perpetrators. *The Journal of Sex Research*, 303-314.
- Doherty, K., & Anderson, I. (2004). Making Sense of Male Rape: Constructions Of Gender, Sexuality and the Experience of Rape Victims. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 85-103.
- Drumond, P. (2019). What about men? Towards a critical interrogation of sexual violence against men in global politics. *International Affairs*, 1271-1287.
- Forbes, G. B., & Adams-Curtis, L. E. (2001). Experiences with Sexual Coercion in College Males and Females: Role of Family Conflict, Sexist Attitudes, Acceptance of Rape Myths, Self-Esteem, and the Big-Five Personality Factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 865-889.
- Gerber, G. L., Cronin, J. M., & Steigman, H. J. (2004). Attributions of Blame in Sexual Assault to Perpetrators and Victims of Both Genders. *Journal of Applied Social Psychology*, 2149-2165.
- Gorris, E. A. (2015). Invisible Victims? Where are male victims of conflict-related sexual violence in international law and policy? *European Journal of Women's Studies*, 421-427.

- Graham, R. (2006). Male Rape and the Careful Construction of the Male Victim. *Social and Legal Studies*, 187-208.
- Hines, D. A. (2007). Predictors of Sexual Coercion Against Women and Men: A Multilevel, Multinational Study of University Students. *Archives of Sexual Behavior*, 403-422.
- Hines, D. A., & Douglas, E. M. (2016). Sexual Aggression Experiences Among Male Victims of Physical Partner Violence: Prevalence, Severity, and Health Correlates for Male Victims and Their Children. *Archives of Sexual Behavior*, 1133-1151.
- Howard, J. A. (1984). The "Normal" Victim: The Effects of Gender Stereotypes on Reactions to Victims. *Social Psychology Quarterly*, 270-281.
- Humphreys, T. (2007). Perceptions of Sexual Consent: The Impact of Relationship History and Gender. *Journal of Sex Research*, 307-315.
- Idisis, Y., Ben-David, S., & Ben-Nachum, E. (2007). Attribution of Blame to Rape Victims among Therapists and Non-Therapists. *Behavioral Sciences & the Law*, 103-120.
- Javaid, A. (2016). Male Rape, Stereotypes, and Unmet Needs: Hindering Recovery, Perpetuating Silence. *Violence and Gender*, 7-13.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Lagartixa, I. D. (2017). *Atitudes e estereótipos face à violência entre parceiros íntimos: comparação entre o homem e a mulher enquanto vítimas e agressores*. Évora: Escola de Ciências Sociais.
- Larimer, M. E., Lydum, A. R., Anderson, B. K., & Turner, A. P. (1999). Male and Female Recipients of Unwanted Sexual Contact in a College Student Sample: Prevalence Rates, Alcohol Use, and Depression Symptoms. *Sex Roles*, 295-308.
- Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2000). The Origins of Sexual Offending. *Trauma, Violence & Abuse*, 250-263.
- Ménard, K. S., Hall, G. C., Phung, A. H., Ghebrial, M. F., & Martin, L. (2003). Gender Differences in Sexual Harassment and Coercion in College Students: Developmental

- Individual, and Situational Determinants. *Journal of Interpersonal Violence*, 1222-1239.
- Miccione-Fonseca, L. C. (2000). Adult and Adolescent Female Sex Offenders: Experiences Compared to Other Female and Male Sex Offenders. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 75-88.
- Muehlenhard, C. L., & Cook, S. W. (1988). Men's Self-Reports of Unwanted Sexual Activity. *The Journal of Sex Research*, 58-72.
- Oswald, D. L., & Russell, B. L. (2006). Perceptions of Sexual Coercion in Heterosexual Dating Relationships: The Role of Aggressor Gender and Tactics. *The Journal of Sex Research*, 87-95.
- Palmer, R. S., McMahon, T. J., Rounsaville, B. J., & Ball, S. A. (2010). Coercive Sexual Experiences, Protective Behavioral Strategies, Alcohol Expectancies and Consumption Among Male and Female College Students. *Journal of Interpersonal Violence*, 1563-1578.
- Pereira, B. D. (2016). *Estrutura Psicológica em Mulheres Sexualmente Agressivas*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Perrott, S. B., & Webber, N. (1996). Attitudes Toward Male and Female Victims of Sexual Assault: Implications for Services to the Male Victim. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 19-38.
- Pica, E., Sheahan, C. L., & Pozzulo, J. (2018). Mock Jurors' Perceptions of Sexual Assault on a University Campus. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-19.
- Pica, E., Sheahan, C., & Pozzulo, J. (2017). "But He's a Star Football Player!": How Social Status Influences Mock Jurors' Perceptions in a Sexual Assault Case. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-23.
- Russell, B. L., Oswald, D. L., & Kraus, S. W. (2011). Evaluations of Sexual Assault: Perceptions of Guilt and Legal Elements for Male and Female Aggressors Using Various Coercive Strategies. *Violence and Victims*, 1-18.

- Russell, T. D., Doan, C. M., & King, A. R. (2017). Sexually violent women: The PID-5, everyday sadism, and adversarial sexual attitudes predict female sexual aggression and coercion against male victims. *Personality and Individual Differences*, 242-249.
- Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Millburn, M. A. (2009). Sexual Coercion in Men and Women: Similar Behaviors Different Predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 974-986.
- Smith, R. E., Pine, C. J., & Hawley, M. E. (1988). Social Cognition About Adult Male Victims of Female Sexual Assault. *The Journal of Sex Research*, 101-112.
- Solangon, S., & Patel, P. (2012). Sexual violence against men in countries affected by armed conflict. *Conflict, Security & Development*, 417-442.
- Sommer, S., Reynolds, J. J., & Kehn, A. (2015). Mock Juror Perceptions of Rape Victims: Impact of Case Characteristics and Individual Differences. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-20.
- Stewart, L. (2018). *Power and Pleasure: Heteronormativity and Homophobia in Heterosexual Sex*. Oregon : University of Oregon.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1992). Acceptance of Male Rape Myths Among College Men and Women. *Sex Roles*, 85-100.
- Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1994). Men Pressured and Forced Into Sexual Experience. *Archives of Sexual Behavior*, 93-114.
- Studzinska, A. (2015). *Gender Differences in Perception of Sexual Harassment*. Toulouse, France: Université de Toulouse.
- Tomaszewska, P., & Krahe, B. (2015). Sexual Aggression Victimization and Perpetration Among Female and Male University Students in Poland. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-24.
- Weare, S. (2018). From Coercion to Physical Force: Aggressive Strategies Used by Women Against Men in "Forced-to-Penetrates" Cases in the UK. *Archives of Sexual Behavior*, 2191-2205.

ANEXOS

Anexo I: Folha de Consentimento Informado

Folha de consentimento informado

Este estudo tem por objectivo avaliar a opinião de estudantes universitários face ao conteúdo descrito numa vinheta. Esta vinheta retrata uma interacção entre homem e mulher. Neste sentido, é-lhe pedido que responda a algumas questões em formato de entrevista, e que expresse a sua opinião e pensamentos durante a mesma, de forma livre. Não existem respostas certas ou erradas; pedimos apenas a sua visão/opinião. As suas respostas serão gravadas num ficheiro áudio e posteriormente encriptadas, por forma a serem apenas acessíveis aos investigadores do estudo. O seu nome não fica registado, pelo que não será possível associar o seu nome ao registo áudio. Todos os dados (entrevistas) serão posteriormente codificados, pelo que os registos áudio serão destruídos. A entrevista terá a duração estipulada por si, já que todas as respostas dependem de si. A mesma será conduzida em local acordado entre participante e investigador.

Para participar deverá ser estudante universitário, com idade mínima de 18 anos. Não existe qualquer tipo de compensação. Poderá desistir em qualquer altura e sem qualquer prejuízo; em caso de desistência, os dados serão apagados e nunca usados para fim de investigação.

A sua participação é anónima e confidencial. Os dados deste estudo serão utilizados para fins de investigação científica, incluindo dissertações de Mestrado, comunicações em congressos e literatura científica.

Se a sua participação resultar nalguma forma de desconforto pessoal, por favor contacte a investigadora principal: professora Joana Carvalho (joana.pereira.carvalho@ulusofona.pt).

Li e compreendi a informação prestada Sim..... Não.....

Aceito participar neste estudo Sim.... Não.....

Assinatura: _____ (esta folha não será anexada aos seus dados pelo que não será possível associar o seu nome a um resultado específico).

Anexo II: Vinheta

Vinheta

Marta preparou-se nessa noite para ir ter com João pela primeira vez, porque o achava extremamente atraente. João aguardava por Marta para assistirem a um filme em casa dele. A meio do filme, Marta começou a chegar-se para perto do João, sentou-se no colo dele e começou a trincar-lhe a orelha. Disse que estava cheia de vontade de “estar com ele”, embora o João parecesse um pouco desconfortável; pediu para Marta sair da frente. Ora, Marta pareceu não ligar, e continuou a agarrar e apalpar João. Este pediu novamente que parasse, porque estava um pouco cansado e apetecia-lhe ficar sossegado a ver o filme. Depois, quem sabe, poderiam ir “dar uma”, e sorriu para ela. Porém, a Marta estava decidida, e continuou a provocá-lo, colocando a mão por dentro das calças deste. O João começou a ficar com uma ereção, embora fosse afastando Marta. Após algum tempo, Marta aborreceu-se e pôs-se em cima dele de repente, afirmando que “quer fazer ali e agora”. Assim que o João se mostrou descontente com a situação, Marta irritou-se e disse que João devia ser “paneleiro”, para a recusar. João respondeu que só lhe apetecia acabar de ver o filme sossegado, e que ela bem sabe que ele não é “maricas”, ao que Marta respondeu *“sim...mas se não baixares as calças, eu meto no Facebook que não conseguiste ter tesão, e aí arrependes-te!”*.

Anexo III: Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

Pseudónimo:

Idade:

Género:

*Nota: a **vermelho** estão assinaladas instruções para quem conduz a entrevista e/ou roteamento de perguntas.*

1. Bom dia/tarde. Obrigado/a por teres escolhido participar. A primeira coisa que gostava de fazer é mostrar-te uma pequena história, que te vou pedir para ler. Quando tiveres terminado de ler, peço que me digas.
2. [Entregar a vinheta, e deixar a pessoa ler à vontade.]
3. Achas que a história é simples?
4. Consegues resumir-me a história pelas tuas próprias palavras?
5. O que achas da história, e desta situação?
6. Achas que a história é realista?
7. Porquê?
8. Como descreverias o João?
9. Como descreverias a Marta?
10. Alguma vez uma amiga tua ou amigo teu te contou alguma coisa de semelhante?
11. Lembras-te do que ele/ela contou? Podes partilhar?
12. Por que é que achas que o João reagiu daquela maneira, no princípio da história?
13. Achas que este tipo de atitudes é comum nos homens? Porquê?
14. E no caso da Marta? Na tua opinião, porque é que ela teve aquela atitude?
15. E no caso de mulheres, achas que isto acontece frequentemente? Porquê?
16. [ATENÇÃO AO ROTEAMENTO] Há pouco disseste que a história **era/não era** realista. Achas que este tipo de situações são **frequentes / raras**?
17. O que achas que a Marta sentiu naquele momento?
18. Por que achas que a Marta teve aquele comportamento?
19. Se as situações fossem ao contrário, iria parecer mais realista? Porquê?
20. O que achas da atitude que o João teve? Será que ele poderia ter dito ou feito algo diferente? **(no caso de não, pergunta 22)**
21. [Se sim], o quê?
22. A Marta disse que ia colocar no Facebook que o João não tinha conseguido ter uma erecção. O que achas desta atitude que ela teve?
23. Por que achas que ela disse isso?

24. Se ela tivesse feito isso, o que achas que tinha acontecido a seguir, com o João e a Marta, e com os seus amigos no Facebook?
25. Achas que o João ia dar muita importância a isso, caso acontecesse? Porquê?
26. No fim, achas que o João fez sexo com ela?
27. Porque é que fez / não fez? [\(se diz não fez segue para a 31\)](#)
28. [\[Caso sim\]](#) Então achas que ele no fim já queria fazer sexo? [\(se acha que ele não queria, passa para a 30\)](#)
29. [\[Se sim\]](#) O que o fez mudar de ideias? Porquê?
30. [\[Se não na 28\]](#) Então porque é que fez na mesma, na tua opinião?
31. Se estivesses nesta situação, achas que terias a mesma atitude que a Marta?
32. Se fosses ~~o João~~ / a Marta, tinhas feito algo de diferente? O quê?
33. Porquê?
34. [\[Se a pessoa tiver tido uma postura negativa ou crítica face à atitude da Marta\]](#) Achas que a atitude da Marta é criticável? Em que sentido? [\(ou seja, se não concorda com o que ela fez\)](#)
35. Na tua opinião, o que deveria mudar no nosso mundo para que menos pessoas tivessem atitudes como a da Marta?
36. [\[Se a pessoa tiver tido uma postura positiva ou neutra face à atitude da Marta\]](#) Achas que a atitude da Marta, no fundo, é justificada? Em que sentido?
37. E em relação a esta história, o que sentiste ao ler?
38. Por que achas que sentiste isso?
39. Há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar, sobre a história?
40. Para terminar, estamos também a recolher opiniões sobre como é que as pessoas definem “violência sexual”. Será que me poderias explicar, pelas tuas palavras, o que é que este conceito quer dizer? OU: Como definiria este conceito?
41. Consegues dar-me exemplos de situações de violência sexual?
42. Achas que é o mesmo que violação? [\(se sim, acaba aqui a entrevista\)](#)
43. [\[Caso não\]](#) O que seria, para ti, violação?
44. Muito obrigado pela sua participação. [\[Debriefing\]](#)

Guião de Entrevista original por Joana Carvalho e Daniel Cardoso.

06/06/2017